



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

CONTRIBUTOS DA UNIVERSIDADE PARA A PROMOÇÃO DO POTENCIAL EMPREENDEDOR DOS ESTUDANTES

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento
Humano -

Maria Leonor Pereira Coutinho Ferreira Cabral

Porto, Junho de 2012



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

CONTRIBUTOS DA UNIVERSIDADE PARA A PROMOÇÃO DO POTENCIAL EMPREENDEDOR DOS ESTUDANTES

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento
Humano -

Maria Leonor Pereira Coutinho Ferreira Cabral

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Doutor António Fonseca

Mestre Luísa Ribeiro Trigo

Porto, Junho de 2012

À minha irmã Teresinha

AGRADECIMENTOS

À Prof. Luísa Trigo, pela disponibilidade demonstrada ao longo de todo o processo. Tenho em si uma referência quer ao nível profissional, no que diz respeito ao rigor e à busca de "sempre melhor", quer ao nível pessoal, nomeadamente à dedicação, ao ânimo, à espontaneidade e à confiança.

Ao Dr. Eduardo Cardoso, Dra. Maria Lopes Cardoso e Dra. Susana Santos, pelo contributo e disponibilidade.

À Prof. Lurdes Veríssimo, pelo exemplo, em tudo.

À Inês Proença de Carvalho, pela participação ativa no processo.

À minha mãe, pela compreensão, sempre. Ao meu pai, pelo incentivo e admiração.

À Joana L.C., Ana, Isabel, André, Benedita, Miguel, Mariana, Bruna, Pedro, Madalena, João, Inês, Joana A., Maria, Constança, Zé Luís, Marta, Joana H., Hugo, Pedro, Zé e Francisca, por tudo (e mais alguma coisa!).

RESUMO

O empreendedorismo é, atualmente, considerado um fenómeno determinante no desenvolvimento da economia de um país. Ao longo dos anos, foram várias as teorias psicológicas que se centraram na investigação das características que estão na base de um empreendedor de sucesso. É inegável o impacto que o empreendedorismo tem nos locais de ensino sendo este um contexto propício ao desenvolvimento do espírito empreendedor. O presente estudo teve como três objetivos: caracterizar o potencial empreendedor dos estudantes, tendo em conta diferentes áreas de ensino, caracterizar o grau de participação e perceção de aproveitamento dos estudantes às atividades propostas pela Universidade e a análise da relação do potencial empreendedor com as seguintes variáveis académicas: área de ensino, atividades de ensino e atividades de extensão universitária. A recolha de dados foi realizada junto de 333 alunos do 3º ano de uma universidade do Grande Porto. Os instrumentos utilizados foram o IAPE - *Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor* (Santos, Caetano & Curral, 2010) e uma Lista de Atividades propostas pela universidade que visam a promoção do potencial empreendedor. Os principais resultados sugerem que se verificam diferenças significativas no potencial empreendedor dos estudantes de diferentes áreas de ensino. Por outro lado, foram encontradas diferenças significativas entre a participação e perceção de aproveitamento em atividades de ensino e extensão universitária, embora tenha sido verificada uma baixa taxa de participação nas ditas atividades. No final do artigo, são discutidas as implicações deste estudo e apontadas sugestões para investigação futuras.

ABSTRACT

Entrepreneurship is nowadays considered one of the most important determinants on the growth of a country's economy. Throughout time, there have been many psychological theories based on the investigation of the basic characteristics of a successful entrepreneur. The impact of entrepreneurship on teaching places is undeniable as this is an remarkable environment for the development of an entrepreneur spirit. The three main goals of this study are to: characterize the entrepreneurship potential of students according to different study areas; characterize the level of participation and perception of the turnover of activities suggested by University to students; and to analyze the relationship between the entrepreneurship potential of students and the following academic variants: area of study, study activities and activities with university extension. The data was collected amongst 333 students from the 3rd year of an University in Oporto. The instruments used were IAPE – *Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor* (Santos, Caetano & Curral, 2010) and a List of Activities that promote entrepreneurship, recommended by the University. The main results suggest that there are big differences in entrepreneurship amongst students of different study areas. On the other hand, significant differences were found between participation on and awareness of turnover of study activities and university extension, although a low grade of participation in these activities was found. In the end of this work, its implications are argued and suggestions on future investigations are done.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1	
Enquadramento teórico	5
1.1 Empreendedorismo: exploração histórico-concetual	5
1.2 Perspetiva psicológica do empreendedorismo.O potencial empreendedor	8
1.3 Empreendedorismo no meio universitário	15
1.4 Antecedentes do potencial empreendedor	19
Capítulo 2	
Metodologia	20
2.1 Objetivos do estudo	20
2.2 Questões de investigação e hipóteses	21
2.3 Amostra	22
2.4 Instrumentos	24
2.5 Procedimentos de recolha e tratamento dos dados	29
Capítulo 3	
Apresentação dos Resultados	30
3.1 Análise descritiva das médias do potencial empreendedor (subdimensões, dimensões e IPE) tendo em conta a área de ensino	30
3.2 Análise descritiva da participação e perceção de aproveitamento dos estudantes às atividades de ensino e participação universitária	35
3.3 Correlações entre as subdimensões, dimensões e IPE e a participação em atividades de ensino e extensão universitária	40
Capítulo 4	
Discussão dos resultados e conclusões	42
4.1 Limitações	46
4.2 Investigações futuras	47
Referências bibliográficas	48

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1 - Mapa conceitual do potencial empreendedor. Adaptado de "Atitudes dos Estudantes Universitários face ao potencial empreendedor," de Santos, Caetano & Curral, 2010, <i>Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão</i> , 9, p. 7.	14
Tabela I - <i>Caraterização da amostra tendo em conta as variáveis demográficas (idade, género e situação profissional) por áreas de ensino</i>	24
Tabela II - <i>Média (M), desvio-padrão (SD) e valores mínimos e máximos das subdimensões, dimensões e IPE considerando a amostra total dos participantes</i>	26
Tabela III - <i>Análise fatorial exploratória das atividades identificadas</i>	29
Tabela IV - <i>Médias das onze subdimensões do potencial empreendedor dos estudantes universitários, tendo em conta a área de ensino.</i>	32
Tabela V - <i>Médias das quatro dimensões do potencial empreendedor dos estudantes universitários, tendo em conta a área de ensino</i>	33
Tabela VI - <i>Médias do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) dos estudantes universitários e percentagem tendo em conta a área de ensino</i>	35
Tabela VII - <i>Participação e perceção do grau de aproveitamento dos alunos nas atividades de ensino propostas pela Universidade</i>	37
Tabela VIII - <i>Participação e perceção do grau de aproveitamento dos alunos nas atividades de extensão universitária propostas pela Universidade</i>	39
Tabela IX - <i>Correlações entre as subdimensões, dimensões e IPE e a participação em atividades de ensino e extensão universitária</i>	41

Introdução

Se para uns autores, o estudo do empreendedorismo adquire importância devido à dimensão que o fenómeno assumiu nos últimos anos, (Gaspar & Pinho, 2008; Lambing & Kuehl, 2000) para outros o empreendedorismo é crucial na medida em que serve de contributo para a criação de emprego, para o crescimento económico, para melhorar a competitividade, para aproveitar o potencial dos indivíduos e para explorar os interesses da sociedade (Askun & Yildirim, 2011; Comissão Europeia, 2003). Outros autores, referem que é muito importante que o estudo do empreendedorismo se foque no seu principal agente: o empreendedor (Raposo & Silva, 2000).

O empreendedorismo é, atualmente, considerado um fenómeno determinante no desenvolvimento da economia de um país (Martinho, 2010; Nassif, Ghobril & Silva, 2010; Paço & Palinhas, 2011; Sánchez, 2011).

Desde os primórdios do século 20 que são feitos estudos no sentido de explorar o empreendedorismo partindo duma perspetiva económica (Knight & Wind, 1968; Shumpeter, 1934).

Nos anos 70, com a *Teoria da Motivação para o Sucesso* de McClelland (McClelland, 1965) é dado um novo enfoque ao empreendedorismo. O autor foi o primeiro a destacar o contributo dos homens de negócios para a sociedade, sendo que foi ele o pioneiro no estudo do papel dos fatores psicológicos na atitude empreendedora. Se antigamente se estudava o empreendedorismo como um tema exclusivamente associado a fatores económicos, hoje os estudos demonstram que o sucesso dos empreendedores depende, na sua maioria, das suas características pessoais. De facto, são diversas as variáveis psicológicas que fazem parte desse espírito empreendedor (Baum & Locke, 2001; Fayolle & Gailly, 2008; Hirish, Fox & Grant, 2007; Junior & Souza, 2005; Luca, Cazan & Tomulescu, 2012; Schmidt & Bohnenberger, 2008; Shein, Crous & Scheppers, 2010).

Torna-se, então, urgente que os estabelecimentos de ensino (nomeadamente as universidades, pelo facto de ser nesta fase que os estudantes pensam com mais profundidade acerca do seu futuro) desenvolvam planos de estudo que integrem unidades curriculares sobre a temática do

empreendedorismo. No sentido de contrariar os resultados do relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) realizado em 2001 que conferem que Portugal sofre de insuficiente educação empreendedora e métodos de ensino não eficazes, é crucial que as faculdades promovam iniciativas no sentido de sensibilizar e fomentar o espírito empreendedor nos mais jovens a fim de estes terem oportunidade de desenvolver o seu potencial empreendedor (Raposo, Paço & Ferreira, 2008; Roncon & Munhoz, 2009; Rosário, 2007).

Um dos contributos da investigação no domínio da Psicologia é, assim, a exploração das dimensões psicológicas inerentes ao potencial empreendedor bem como a sensibilização e apoio na implementação de ações que vão de encontro ao estímulo desse potencial junto dos estabelecimentos de ensino, com particular destaque para as universidades (Martínez, Mora & Vila, 2007; Souitaris, Zerbinati & Al-Laham, 2007).

Este estudo pretende ser um contributo para o avanço do conhecimento científico no domínio do empreendedorismo, sob uma visão psicológica, tendo como objetivos: 1. Caracterizar o potencial empreendedor de uma amostra de estudantes do ensino superior de várias áreas de ensino; 2. Caracterizar o grau de participação e perceção de aproveitamento dos estudantes em diferentes atividades de ensino e de extensão universitária; 3. Analisar a relação entre variáveis académicas (nomeadamente a área de ensino e a participação em atividades de ensino e de extensão universitária) e o potencial empreendedor dos estudantes.

Uma vez que "os empreendedores criam e constroem o futuro" (Bolton & Thompson, 2004, p.1) urge a necessidade de se fazerem mais estudos nas universidades de forma a que estas se tornem locais estruturantes para o estímulo e desenvolvimento do potencial empreendedor

Trata-se de um estudo inovador, na medida em que da revisão da literatura efetuada, apenas foi encontrado um estudo brasileiro (Schimdt & Bohnenberger, 2008) que estabelece relações entre as variáveis do potencial empreendedor e a participação nas atividades de ensino e extensão. Assim, este constitui-se como um estudo pioneiro em Portugal com o objetivo de relacionar estas variáveis numa universidade do Grande Porto. De facto, numa altura em que o empreendedor é considerado um agente de extrema importância na construção do futuro económico, interessa perceber quais as

variáveis que contribuem para o desenvolvimento das características evidenciadas na literatura como detentoras de um empreendedor de sucesso e importa refletir sobre a forma como as universidades podem estimular e potencializar esse potencial.

Começa-se, no primeiro capítulo, por apresentar uma revisão da investigação no domínio do empreendedorismo, fazendo numa primeira parte referência à importância do estudo do fenómeno e à clarificação e exploração do conceito. Passa-se de seguida a abordar o desenvolvimento do empreendedorismo ao longo dos anos e a pertinência da continuidade dos estudos neste âmbito. A segunda parte remete para o potencial empreendedor, objeto deste estudo, partindo duma perspetiva psicológica. Conclui-se o primeiro capítulo abordando as questões do papel da educação para o estímulo do potencial empreendedor, tendo sido identificados alguns programas de "educação para o empreendedorismo" internacionais e nacionais. No fim deste capítulo são apresentados os resultados de alguns estudos no que diz respeito às variáveis demográficas (idade, género e situação profissional) e académicas (área de ensino, participação em atividades de ensino e extensão universitária) que se relacionam com o potencial empreendedor. No entanto, neste estudo, as variáveis demográficas apenas vão ser utilizadas para a caracterização da amostra.

No capítulo II, apresentam-se os objetivos e a metodologia de investigação utilizada no estudo. Neste capítulo estão contemplados os objetivos do estudo, as questões e hipóteses formuladas, a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados e os procedimentos efetuados para a recolha e o tratamento dos dados.

No capítulo III é feita a descrição dos resultados. Primeiramente, faz-se uma análise descritiva do potencial empreendedor dos estudantes, isto é, das subdimensões, dimensões e do Índice do Potencial Empreendedor (IPE). É efetuada, de seguida, uma análise descritiva da participação e perceção do aproveitamento dos alunos num conjunto de atividades de ensino e extensão universitária. Por último, são apresentados os resultados das correlações efetuadas entre o potencial empreendedor e a participação em atividades de ensino e extensão.

No capítulo IV é feita uma reflexão acerca dos resultados obtidos assim como se identificam algumas implicações práticas tendo em conta a discussão realizada. Neste capítulo faz-se referência às limitações do estudo e são desenvolvidas algumas sugestões para investigação futura nesta área.

Capítulo 1 - Enquadramento teórico

1.1 Empreendedorismo: exploração histórico-concetual

"A palavra empreender, imprehendere, tem origem no latim por volta do século XV e significa 'empresa laboriosa e difícil', ou ainda, 'pôr em execução' (Schmidt & Bohnenberger, 2004, p.3). Quem primeiro lhe deu utilidade foi o economista francês Jean-Baptiste Say, no séc. XVII, utilizando o conceito para definir o indivíduo que era capaz de aumentar a produtividade de um recurso económico (Bruyat & Julien, 2000).

Ao longo dos anos têm sido dados diversos enfoques ao termo empreendedor (Moreira & Silva, 2008). No séc. XVIII, é Richard Cantillon quem explora o conceito associado ao *capitalista*, afirmando que o empreendedor é aquele que tem um lado racional muito apurado, capaz de lidar com o risco e com a incerteza nomeadamente na economia do mercado. O economista Francês refere que o empreendedor é o homem que sabe avaliar o mercado, ponderar acerca dos custos e benefícios, deliberando antes de decidir. (Brown & Thornton, 2011). Joseph Shumpeter, considerado o economista mais importante do séc. XX, acrescenta uns anos mais tarde as ideias de novidade e criatividade ao conceito de Say (Possas, 1997).

No século XX, os empreendedores eram frequentemente confundidos com gestores, e portanto a perspetiva económica era alvo de principal destaque (Arenius & Minniti, 2005; Hisrich, Fox, & Grant, 2007).

Zen e Fracasso (2008) fazem uma reflexão muito interessante do termo empreendedor, construindo-o a partir de três paradigmas tecnológicos: revolução industrial, fordismo e tecnologia da informação. As autoras, consideram que este é um termo multifacetado e dinâmico. No paradigma industrial, o empreendedor está associado à atividade empresarial, relacionado com o risco. É neste paradigma que surge o empreendedor individual, uma vez que com o apoio de um financeiro de um capitalista, inicia um negócio sozinho sendo que a sua motivação maior era a obtenção do lucro. É no paradigma fordista, onde se assiste a uma emergência de grandes fábricas e organizações, surge um novo conceito ainda hoje alvo de estudo por muitos autores: o intra-empreendedorismo. Esta nova abordagem do

empreendedorismo foi considerada por muitos como revolucionária, pelo facto de ter como objetivo não a criação de uma nova empresa, mas sim a criação de empreendedores dentro de uma empresa já desenvolvida (Dantas, 2008). O facto de não ser o fundador da empresa, não impede que o intra-empendedor não possua na mesma o sentido de responsabilidade, uma vez que se o seu empreendimento não obtiver sucesso, este terá que se responsabilizar pelas consequências não só ao nível pessoal como também ao nível da organização.

Retomando a linha histórica do conceito, é com a revolução das tecnologias de informação que se assiste a um aumento da exclusão social, sendo que emergem nesta fase dois novos conceitos do empreendedorismo, alvo de muitos estudos atualmente: empreendedorismo social e empreendedorismo coletivo (Dees, 2001; Light, 2006; Schimdt & Dreher, 2008). Há autores que consideram que o empreendedorismo social sempre existiu, só ainda não era dado um nome oficial ao fenómeno (Dees, 2001).

Zen & Fracasso (2008) concluem a sua reflexão referindo que o termo converge naquilo que é a construção de um novo empreendimento, embora divergindo nas suas características.

Antigamente considerava-se que o empreendedorismo era inato e que algumas pessoas eram "dotadas" do espírito empreendedor. Contudo, torna-se cada vez mais evidente que uma grande parte do empreendedorismo se pode ensinar (Fayolle & Gailly, 2008; Kuratko, 2005; Lena & Wong, 2004; Teixeira, 2008). De facto, de pouco valia debruçarmo-nos sobre esta área se nada se pudesse fazer, no sentido da exploração das características que estão na base do empreendedorismo e quais os fatores que podem aumentar ou diminuir o desenvolvimento dessas mesmas características.

Por ser uma área tão vasta, é também difícil encontrar na literatura uma única definição. Embora todas acabem por convergir para a mesma ideia, os diferentes autores que estudam esta temática focam-se em características diferentes quando se debruçam sobre a definição do empreendedor.

Roncon (2009) considera que um empreendedor é um indivíduo capaz de definir as suas metas e consegue cumpri-las, através de persistência, inovação e empenho nas mesmas. Já Silva, Henriques e Carvalho (2009) referem que os empreendedores devem ter capacidade para pensar criticamente, independentemente e cooperativamente, sendo desejável que

tenham curiosidade e desejo de aprender para a vida e devem também ter um profundo conhecimento sobre a importância do trabalho em equipa. Aydemo (2009, p. 58) considera que “um empreendedor pode ser definido como aquele que organiza, gere e assume a criação de uma empresa. Pode ser definida como uma pessoa que decidiu tomar controlo do seu futuro e tornar-se um empresário por conta própria criando o seu próprio negócio ou trabalhando como membro de uma equipa. É uma pessoa que tem a posse de uma empresa e assume a responsabilidade dos riscos e resultados inerentes à criação da mesma. É um líder ambicioso que combina, o terreno, o trabalho e o capital para criar e pôr no mercado novos e úteis serviços.” Drucker (1985) considera que empreendedores são aqueles que aproveitam a oportunidade para criar a mudança com algo inovador. Esta definição vem de encontro à definição dada por Márcen, Aranaz & Velásquez (1999). Estes autores consideram que os empreendedores se destacam pelo facto de aproveitarem as oportunidades que ninguém tinha aproveitado antes, sendo assim alvo de destaque.

Carvalho (2004) por sua vez, dá enfoque à necessidade de realização do empreendedor que o motiva a criar algo de novo na área económica. Destaca-se ainda a definição dada por Silva, Henriques & Carvalho (2009). Para estes autores, os empreendedores devem ter capacidade para pensar criticamente, independentemente e cooperativamente. É desejável que tenham curiosidade e desejo de aprender para a vida e devem também ter um profundo conhecimento sobre a importância do trabalho em equipa.

Por último, realça-se um conceito mais específico que é dado pelos cognitivistas: os empreendedores têm uma forma de pensar e de processar a informação diferentes dos não-empreendedores. É através da análise destes processos que os cognitivistas conseguem caracterizar o indivíduo empreendedor (Sanchez, Carballo & Gutiérrez, 2011).

É notório que o termo empreendedor e conseqüentemente o fenómeno do empreendedorismo sofram de várias visões e definições (Raposo, Paço & Ferreira, 2008). O empreendedorismo é considerado uma temática multidisciplinar e interdisciplinar (Davidsson, 1991). Interessa, porém, que nos foquemos na noção de que o empreendedorismo surge como uma resposta alternativa de emprego no mundo atual e portanto importa que a psicologia e

economia unam esforços no sentido de tornar o empreendedorismo eficaz, apostando na investigação dos fatores que levam à potencialização do fenómeno. Cardoso resume a importância do empreendedorismo num parágrafo que merece destaque: "Numa época de descrença, em que os efeitos negativos da omnipresente crise ameaçam paralisar a sociedade, é nossa ambição contrariar a natural cedência à resignação, evidenciando novas opções e potenciando a criação de caminhos alternativos de sucesso pessoal e coletivo. "

1.2 Perspetiva psicológica do empreendedorismo. O potencial empreendedor.

Pretende-se, nesta secção, fazer uma breve síntese das diferentes abordagens encontradas na literatura, sendo que da revisão efetuada, parece-nos que existem essencialmente duas questões inspiradoras para as investigações neste âmbito: "Porque é que algumas pessoas se tornam empreendedoras e outras não?" e "Porque é que há empreendedores melhor sucedidos do que outros?".

De salientar que a psicologia, tem um papel privilegiado nesta temática, já que é de consenso entre os autores que são vários os aspetos psicológicos cruciais nos empreendedores (Hirish, Fox & Grant, 2007; Knopik & Moerer, 2010; Leitão & Cruz, 2006; Santos, Caetano & Curral, 2010; Schimdt & Bohnenberger, 2008).

Nesta perspetiva, os autores das investigações encontradas focam-se em diferentes objetos de estudo. Alguns autores canalizam os seus estudos para a atitude empreendedora (Lopes & Souza, 2005; Raposo, Paço & Ferreira, 2009; Shariff & Saud, 2009).

Sendo a atitude definida como uma predisposição aprendida por indivíduos para responder de forma favorável ou desfavorável com relação a um objeto atitudinal, definimos atitude empreendedora como uma predisposição aprendida a atuar ou a não atuar de forma empreendedora (Lopes & Souza, 2005). Raposo, Paço & Ferreira, (2008), numa investigação levada a cabo na Universidade da Beira Interior, identificaram dois grupos de estudantes empreendedores: os "independentes acomodados" e "confiantes".

Os "independentes acomodados" são aqueles que valorizam a independência pessoal, económica e a autonomia no trabalho mas por outro lado têm pouca confiança, não se sentem capazes de liderar, não têm grandes ambições financeiras, não valorizam o prestígio/status e revelam pouca predisposição para criar uma empresa. Já os "confiantes" são os que apresentam elevados níveis de autoconfiança, grande capacidade para liderar, têm ambições financeiras e de status e, curiosamente, parecem menos motivados para a autonomia e independência. Revelam também grande predisposição para criar uma empresa. Os resultados deste estudo apontam para uma percentagem de 35% dos estudantes pertencentes à categoria dos "independentes acomodados" e 65% da amostra pertence à categoria dos "confiantes". De realçar que a maioria do 1º grupo era composto por estudantes do sexo feminino, e a maioria do 2º grupo é composto por estudantes do sexo masculino.

Outros autores incidem o seu objeto de estudo nas motivações que levam os indivíduos a construírem uma carreira empreendedora (Baum & Locke, 2004).

De salientar que a motivação é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento do potencial empreendedor (Baum, Freese & Baron, 2007; Pihie, 2007).

A necessidade de realização e a necessidade de autonomia, são as de maior consenso entre os autores. Já McClelland (1965) fazia referência à relação entre uma elevada motivação de autorrealização com um empreendedor de sucesso. De facto, estes empreendedores são aqueles que definem para si próprios objetivos exigentes que requerem um esforço contínuo para serem alcançados (Oosterbeek, Praag & Ijsselstein, 2008). A necessidade de autonomia, está relacionada com a independência. Foi realizado com os estudantes da ONG *"Junior Achievement Young Enterprise Europe"* (organização apresentada no capítulo anterior) um inquérito no sentido de estudar as motivações que estes têm para desenvolver uma carreira empreendedora. 89% dos jovens concordaram com a afirmação "oportunidade e desejo de criar a sua própria carreira" e 83% concordou com afirmação "desejo de ser independente". Ambas estão relacionadas com o desejo de obter auto-realização. 68% dos jovens respondeu "querer ser o seu próprio

patrão" como uma motivação para construir uma carreira empreendedora (Next Generation, 2010).

Acrescenta-se ainda, que segundo este mesmo relatório, as motivações mais comuns para os jovens que não querem ser empreendedores, passam por querer ter um emprego normal, o facto de pensarem que uma carreira empreendedora desenvolve demasiados riscos e ainda a ideia que os jovens têm deles próprios como não tendo competências nem capacidades para construírem o seu próprio emprego.

Alstete (2008) conduziu um estudo acerca das motivações empreendedoras. A partir de uma amostra de empreendedores de pequenas empresas, concluiu que estes gostam da independência, da liberdade, da satisfação do trabalho e do salário mas em contrapartida, estes empreendedores consideram que as longas horas no trabalho, o stress a responsabilidade, o risco e a falta de companhia são os pontos menos fortes numa carreira empreendedora.

Ainda no âmbito das motivações empreendedoras, Santos, Dantas, Santos & Silva (2008) resumem-nas em duas: o desejo de independência e a motivação económica, definindo esta última como, por exemplo, a intenção de autonomia no processo de tomada de decisão estratégica.

Finalmente, foram encontrados na literatura revista autores focam o seu objeto de estudo nas competências do empreendedor.

A noção de risco que uma carreira empreendedora acarreta merece uma especial reflexão, uma vez que segundo o relatório da GEM, os portugueses são uma das populações da Europa que mais se percecionam como tendo capacidades e competências empreendedoras, mas por outro lado a atividade empreendedora de Portugal é das mais baixas da Europa, pelo que as condições do país, as suas ofertas e oportunidades têm também um papel crucial no desenvolvimento de carreiras empreendedoras e consequente crescimento da economia.

A maioria dos estudos encontrados, porém, focam-se nas competências do empreendedor, isto é, o perfil dos empreendedores é analisado pelas competências que estes foram adquirindo e que lhes permitiu ter uma ideia inovadora que foi posta em prática através de um conjunto de processos. São

várias as investigações que têm como objetivo perceber que características é que fazem parte de um empreendedor (Mello, Leão & Junior, 2006).

Rauch e Freese (2007) consideram que características como a autonomia, o locus de controlo interno, a propensão para o risco e a autoeficácia têm uma relação positiva com o empreendedor. Teixeira (2008) reforça estes mesmos fatores.

Já Schmidt e Bohnenberger (2008) acrescentam o planeamento, detecção de oportunidades, persistência, sociabilidade, inovação e o espírito de liderança como fatores importantes no perfil empreendedor.

Fatores como a tolerância à incerteza e a resiliência são acrescentados por Shein, Crous & Schepers (2010).

Farzaneh, Hassan, Gholamreza, Mirsalaldin, Parviz & Alireza (2010) referem também como fator crucial no potencial empreendedor a criatividade.

A auto-confiança e auto-estima são referidos por vários autores como estando na base da motivação empreendedora (Teixeira, 2008).

Kourilsky (1980) sugere a criatividade, a iniciativa, a propensão para o risco, o planeamento de objetivos, a autoconfiança, o locus de controlo interno, o compromisso e a persistência, sendo mais abrangente na sua definição de empreendedor.

Pretende-se, de seguida, explorar as características encontradas na literatura como relacionadas positivamente com um perfil empreendedor, embora nem todas se constituam como alvo de estudo nesta investigação.

O locus de controlo está relacionado com a expectativa de sucesso ou falhanço numa tarefa. Este locus de controlo pode ser interno ou externo, consoante os indivíduos atribuíam a razão para o sucesso a si próprios (locus de controlo interno) ou a fatores externos a si (locus de controlo externo) (Rasheed, 2000). Os indivíduos com locus de controlo interno, acreditam que desempenharam uma tarefa corretamente devido às suas próprias competências e não atribuem o sucesso a fatores como a sorte ou esforço de outras pessoas (Raposo, Paço e Ferreira, 2008). Robinson, Huefner & Hunt (1991) referem que o locus de controlo interno está positivamente relacionado com um perfil empreendedor. O locus de controlo interno deve ser uma característica dos empreendedores, uma vez que estes devem acreditar que as suas próprias ações determinam as recompensas.

A propensão para o risco é referida em muitos estudos como uma característica crucial para a atividade empreendedora, sendo um dos aspetos que mais diferenciam os empreendedores dos gestores (Brandstätter, 2010; Raposo, Paço & Ferreira, 2008; Rauch & Frese, 2007; Shariff & Saud, 2009). Os mais utilizados instrumentos para medir a propensão para o risco são *Kogan–Wallach Choice-Dilemma Questionnaire* (CDQ) e a escala da propensão para o risco que está integrada no *Jackson Personality Inventory* (JPI). O conceito de "tomada de risco" é difícil de definir, primeiro porque os indivíduos nem sempre mostram a mesma propensão para o risco nos diferentes domínios da vida (Tyszka, Cieslik, Domurat & Macko, 2011).

Num estudo realizado por Tyszkaa et al. (2011) onde se pretendeu avaliar a propensão para o risco, entre outros, em empreendedores e em não empreendedores, os resultados sugeriram que não há diferenças significativas na propensão para o risco entre as duas amostras. Contudo, os autores interpretam os valores obtidos, através da perceção que os empreendedores têm de risco. De facto, para indivíduos que não estão por dentro do campo dos negócios, o facto de uma pessoa investir dinheiro numa nova empresa que pode falir, é uma atitude que envolve um risco muito elevado. Pelo contrário, para quem tem um vasto conhecimento sobre o mundo das empresas e da inovação, esse risco não é percecionado como muito elevado.

A autoestima, autoeficácia e autoconfiança, são conceitos psicológicos que diversos autores consideram fundamentais para um indivíduo ambicione uma carreira empreendedora (Bandura, 1993; Baum & Locke, 2004; Santos, Caetano & Curral, 2010; Tyszkaa et al., 2011)

A autoeficácia, é das três, a característica mais encontrada na literatura como sendo mais um fator preditor da atividade empreendedora de sucesso. O conceito de autoeficácia remete para a crença individual de que o indivíduo possui as competências e ferramentas necessárias para desempenhar uma tarefa específica com sucesso (Bandura, 1993). Há autores que referem ainda um outro aspeto da autoeficácia, afirmando que esta pode também ser reforçada através do incentivo social e da persuasão (Tyszkaa et al., 2011)

Uma vez que os empreendedores estão constantemente a lidar com o risco e com a incerteza, devem ter níveis elevados de autoeficácia para serem

melhor sucedidos e não desistirem perante opções menos bem concretizadas. (Baum & Locke, 2004).

No que diz respeito à inovação, este conceito foi introduzido no campo do empreendedorismo por McClelland (1965), fazendo referência à criatividade. Criatividade e inovação são duas características usadas muito frequentemente nos instrumentos de medição do potencial empreendedor (Lopes & Souza, 2005). Enquanto que a inovação está relacionada com a busca de novos produtos, novos métodos e novas organizações a criatividade encontra-se mais comumente associada à originalidade dos produtos, dos métodos e das organizações (Rasheed, 2000).

Um dos fatores cruciais naquele que se entende como empreendedor é ser sociável. Neste sentido, o suporte social e os contactos daquele que procura criar um negócio, são indispensáveis para o sucesso do mesmo (Fayolle & Gailly, 2008).

Isaacs (2003) sintetiza a importância da resiliência afirmando que os indivíduos resilientes são proativos, assumem a iniciativa em vez de esperarem que os outros o façam. Na mesma linha, indivíduos resilientes são mais independentes e têm competências sociais melhor desenvolvidas uma vez que pedem ajuda quando precisam bem como conseguem ajudar eficazmente os outros. Por fim, o autor afirma que as pessoas resilientes olham a vida de forma positiva e embora percecionem a mudança como desconfortável, reconhecem-na como uma oportunidade para crescerem e se desenvolverem. Todas estas características são cruciais num empreendedor.

Existem, para além das anteriormente referidas, muitos fatores relacionados positivamente com um perfil empreendedor bem sucedido. O espírito de liderança é um deles. Para Knopik e Moerer (2010), a liderança não se relaciona tanto com o líder, mas sim com as relações entre o líder e as pessoas que o rodeiam.

A capacidade de lidar com a frustração e otimismo perante situações difíceis são outros fatores referidos por autores como potenciadores do empreendedor (Raposo, Paço & Ferreira, 2008).

A essência do empreendedorismo está na perceção e no aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios. Logo, o empreendedor tem de estar sempre alerta bem como atualizado daquilo que se

passa ao nível regional, nacional e internacional para poder aplicar-se numa determinada situação (Filho & Cardoso, 2003).

Santos, Caetano e Curral (2010), autores de um dos estudos que inspirou esta investigação, resumem o potencial empreendedor em três competências: competências psicológicas, competências sociais e competências de gestão. Nas competências psicológicas, os autores incluem a capacidade de inovação, a inteligência emocional e a resiliência. Nas competências sociais selecionam a capacidade de comunicação e persuasão e capacidade para desenvolver rede social. Quanto às competências de gestão, os autores focam-se na visão definida como a *"capacidade para visualizar e antecipar objetivos, metas e realizações futura."*, na capacidade para mobilizar recursos, capacidade para liderar e na autoeficácia empreendedora (conceito já abordado anteriormente nesta secção).

Apresenta-se, de seguida, o esquema que contempla as dimensões e subdimensões avaliadas nesse estudo, uma vez que optou-se por utilizar o mesmo questionário administrado por esses autores (Figura. 1).

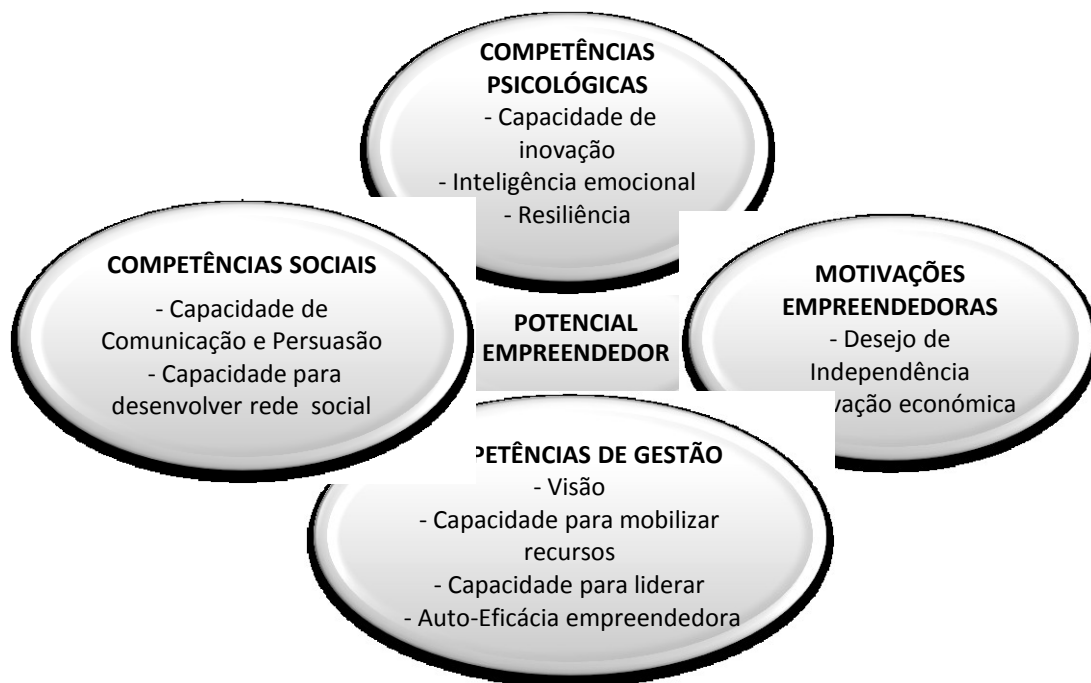


Figura 1 - Mapa conceitual do potencial empreendedor. Adaptado de "Atitudes dos Estudantes Universitários face ao potencial empreendedor," de Santos, Caetano & Curral, 2010, *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9, p. 7.

1.3 Empreendedorismo no meio universitário

O campo de intervenção do empreendedorismo nos dias de hoje é cada vez mais amplo (Raposo, Paço & Ferreira, 2008; Santos, Dantas, Santos & Silva 2008; Moreira & Silva, 2008; Edelman & Brush, 2008; Palma, Cunha & Lopes, 2007).

O relatório anual da GEM refere que no ano de 2011 houve 165 milhões de pessoas entre os 18 e os 35 anos a criarem novas empresas pelo mundo. O último relatório da atividade empreendedora de Portugal disponibilizado pela GEM foi feito em 2010 e nele constam alguns resultados que nos fazem pensar. Desde já a queda que se pode constatar ao analisar a atividade empreendedora do país. De facto, enquanto que em 2007, 9 em cada 100 indivíduos eram empreendedores, em 2010 o valor desce para 4 a 5 indivíduos empreendedores por cada 100 adultos. Portugal, está entre os 10 países com menos atividade empreendedora no mundo.

Perante tais valores, e tendo em conta a evidente importância do empreendedorismo para o desenvolvimento económico de um país, compete-nos analisar o que poderá estar a afetar os baixos valores de atividade empreendedora e tentar combatê-los. Emerge, então, a necessidade de uma "educação empreendedora", sendo este um conceito mais amplo do que a necessidade de criação da própria empresa. O objetivo deste conceito prende-se com o desenvolvimento do potencial empreendedor não só numa perspetiva de criação de negócio mas para estimular e desenvolver as características empreendedoras dos indivíduos em qualquer área profissional (Moreira, 2009).

É inegável o impacto que o empreendedorismo tem nos locais de ensino sendo que este é um contexto propício ao desenvolvimento do espírito empreendedor. Neste sentido, tem-se tentado que agentes educativos e outros profissionais se dediquem duma maneira específica e objetiva para a educação do empreendedorismo (Gaspar & Pinho, 2008; Bosma & Schutjens, 2011; Burton, 2008; Hirish, Fox & Grant, 2007; Fayolee & Gailly, 2008; Filion, 1999; Santos, Dantas, Santos & Silva 2008; Burton, 2008; Chen, 2010; Hytti, Stenholm, Heinonen & Leino, 2010).

"A base da aprendizagem do empreendedorismo deverá centrar-se no estudo dos comportamentos e atitudes que conduzem à inovação, à

capacidade de transformação do mundo, à geração de riquezas em qualquer área, como na investigação, no ensino, no emprego e na empresa" (Moreira, M., 2009, p. 79).

Por ter decaído a ideia dos empreendedores natos, prevalecendo a noção de que é possível treinar as diferentes dimensões da atitude empreendedora, entende-se que o empreendedorismo pode e deve ser promovido através de uma cultura empreendedora, pelo que o ensino desempenha aqui um papel fundamental (Naia, 2009; Edelman & Brush 2008).

Em 1938 que um professor emérito da Universidade Kobe experimenta a primeira iniciativa no âmbito da educação para o empreendedorismo (Redford, 2006).

Em 1960, foi fundada uma organização não governamental na Europa - Junior Achievement Young Enterprise Europe - com o objetivo de educar e inspirar os jovens sobre o mundo das empresas e do empreendedorismo. Hoje em dia, a organização conta com a participação de mais de 2 milhões de estudantes e está espalhada por mais de 40 países da Europa. O programa de educação para o empreendedorismo dominante nos Estados Unidos e na Europa, foi elaborado por esta organização. Tem como objetivo os alunos tomarem a responsabilidade em grupo, de um pequeno negócio, fazendo parte do seu crescimento e liquidação (Desde o início até ao fim do curso). Os estudantes fazem parte da "realidade empreendedora" através da venda de stocks, eleição de trabalhadores, produção e venda de produtos ou serviços, são confrontados com o facto de terem que manter ou melhorar os resultados do seu negócio e conduzem reuniões entre acionistas. Cada mini-negócio tem o apoio de um ou dois homens de negócios que partilham a sua experiência com os alunos. O grande objetivo do programa é, então, que os estudantes possam pôr a teoria em ação, sensibilizando-os para a prática empreendedora. Pretende-se, com este programa que os estudantes aumentem a sua auto-confiança, aumentem a motivação empreendedora, tornem-se pro-ativos, criativos e aprendam a trabalhar em equipa (Junior Achievement Young Enterprise annual report, 2006).

São escassos os estudos feitos no sentido de avaliar o impacto dos programas de educação para o empreendedorismo nos estudantes. Cientes deste facto, Oosterbeek, Praag & Ijsselstein (2008) fizeram um estudo com o

objetivo de perceber as consequências ao nível das competências e intenção empreendedora do programa Junior Achievement Young Enterprise Student mini-company, acima referido. Os resultados, ao contrário do que os autores esperavam, revelaram que os participantes não consideraram que a experiência tenha melhorado as suas competências empreendedoras, bem como baixou a sua intenção empreendedora, isto é, os alunos que antes da experiência consideravam criar a sua própria empresa, já não percebem o seu futuro dessa forma. Os autores dão a estes resultados a seguinte explicação: os alunos tiveram um contacto muito realista do que é o mundo empreendedor e mudaram a sua forma de se perceberem como possíveis empreendedores, já que perceberam a exigência desse trabalho (Oosterbeek, Praag & Ijsselstein, 2008).

De acordo com a literatura, a Universidade de Singapura foi considerada a mais conceituada no que diz respeito à educação para o empreendedorismo, através da promoção de atividades em empresas que segundo os autores têm tido um enorme sucesso (Tan & Ng, 2006).

Redford (2006), realizou uma pesquisa em relação à intervenção que é feita no linha da educação para o empreendedorismo em Portugal. A Universidade Católica foi a primeira instituição do ensino superior a oferecer cursos no âmbito do empreendedorismo, no ano de 1992. No ano de 2004/2005 existiam cerca de 27 cursos de empreendedorismo em Portugal. A título de exemplo, eis os nomes de alguns desses cursos que várias universidades portuguesas oferecem: *Empreendedorismo de Base Tecnológica*, *Criação de Empresas*, *Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios e Iniciativa Empresarial*.

A simples transferência de informação do professor para o aluno, não estimula nem permite desenvolver a atitude empreendedora dos mesmos. Shout & Harkema (2008), fazem referência a um programa implementado numa universidade da Holanda, em que os alunos podem escolher entre: fazer um estudo de viabilidade de uma ideia nova; fazer um plano de negócios para uma iniciativa do próprio aluno ou elaborar um plano de contingência novo para uma organização que já existe. Qualquer que seja a opção escolhida, exige dos alunos o desenvolvimento de competências empreendedoras. Neste programa, em vez de um professor, os alunos são acompanhados por um

indivíduo inserido no meio dos negócios. Os autores consideram este processo individual como sendo mais útil no que diz respeito ao aperfeiçoamento das competências empreendedoras, até porque os alunos são confrontados com auto-avaliações permanentes onde têm a possibilidade de ir detetando as suas fragilidades e ir valorizando as qualidades.

Os autores fazem ainda referência aos programas de simulação, através do uso da internet em salas de aula. De facto, já Tunstall & Lynch (2010) tinham explorado o papel dos jogos eletrónicos como um meio eficaz de desenvolver competências do empreendedorismo. Segundo os autores, este método estimula a criatividade e a capacidade de estratégia nos alunos.

Tan e Ng (2006) integram reflexões interessantes comparando os diferentes programas de educação para o empreendedorismo. Segundo os autores, os programas com maior sucesso são os que adotam a abordagem "*learning-by-doing*", isto é, sair do contexto de sala de aula e da maneira tradicional de ensino para atividades no exterior como estágios em empresas que ainda estão no início da sua ascensão, criação e desenvolvimento de pequenos negócios no campus e trabalhar em pequenas empresas.

Santos, Dantas, Santos & Silva (2008) reforçam a mesma ideia, ao distinguirem "abordagem tradicional" de "abordagem empreendedora". Segundo os autores, a diferença reside no facto de na abordagem tradicional o professor ensina o aluno, tendo este uma participação passiva no processo. Por sua vez, a abordagem empreendedora, foca a participação ativa do aluno, na medida em que este é responsável pelo seu processo de aprendizagem.

Conclui-se neste capítulo que uma educação para o empreendedorismo eficaz é aquela que promove o desenvolvimento das competências associadas com um empreendedorismo de sucesso (Binks, Starkey & Mahon, 2006; Moreira & Silva, 2008).

O estudo de Rasheed (2000) prova isso mesmo, uma vez que identifica que uma educação empreendedora, resulta num empreendedor com maior necessidade de sucesso, maior locus de controlo interno, uma maior autoestima e maior capacidade de inovação quando comparados com alunos que não pertenceram a cursos e atividades promotoras do potencial empreendedor.

1.4 Antecedentes do Potencial Empreendedor

Os resultados do relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* apontam dados interessantes no que diz respeito à idade em a taxa de empreendedorismo é mais prevalente em Portugal. Assim, se em 2007, a taxa de empreendedorismo era superior na população entre os 35 e os 44 anos, sendo que em 2010 essa taxa era superior nos indivíduos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos.

Relativamente às variáveis demográficas, no que diz respeito ao género, em todos os estudos analisados se verificou que existe uma maior taxa de empreendedores do sexo masculino do que do sexo feminino (Pines, Lerner & Schwartz, 2010; Cohoon, Wadhwa & Mitchell, 2010; Teixeira, 2008; La Rey, Barbuto & Barbuto, 2006; Fischer, Reuber & Dyke, 2003).

Os dados relativos ao estatuto do trabalhador estudante indicam que os alunos que já tiveram uma experiência profissional tenham desenvolvidas características como a autonomia e inovação (Shmidt & Bohnenberger, 2008).

No que diz respeito às variáveis académicas, foram encontradas na literatura evidências de que o potencial empreendedor varia significativamente em função da área de ensino. Rosário (2004) fez um estudo que abrangeu todas as áreas da universidade do Porto, chegando à conclusão que as áreas como a agricultura e recursos naturais, humanidades, secretariado e tradução, educação física e artes do espetáculo e as ciências, revelam uma taxa de intenção empreendedora superior às áreas economia, gestão e contabilidade, as tecnologias e direito, ciências sociais e serviços. Santos, Caetano & Currel (2010) concluem que os estudantes das Ciências Sociais têm um índice do potencial empreendedor mais elevado do que os estudantes das outras áreas de ensino. Teixeira (2008) compara o potencial empreendedor dos cursos de gestão e engenharia, não tendo sido encontrados resultados significativos.

São escassos os estudos que pretendem relacionar atividades de extensão universitária com o potencial empreendedor. No entanto, Leite (2004) refere que a participação dos estudantes neste tipo de iniciativas é de extrema importância para o desenvolvimento do potencial empreendedor.

Capítulo 2 - Metodologia

A presente investigação é considerada do tipo quantitativo correlacional (Almeida & Freire, 2003) uma vez que o objetivo principal se prende com a análise da relação entre variáveis académicas, nomeadamente a área de ensino e a participação em atividades de ensino e extensão universitária, com o potencial empreendedor dos estudantes.

2.1 Objetivos do estudo

O estudo aqui representado tem como principal objetivo analisar a relação entre variáveis académicas - área de ensino, atividades de ensino e extensão universitária - e o potencial empreendedor.

Apresentam-se de seguida os objetivos estabelecidos:

- Caracterizar o potencial empreendedor de uma amostra de estudantes do ensino superior de várias áreas de ensino.
- Caracterizar o grau de participação e perceção de aproveitamento dos estudantes em diferentes atividades de ensino e de extensão universitária.
- Analisar a relação entre variáveis académicas (nomeadamente a área de ensino e a participação em atividades de ensino e de extensão universitária) e o potencial empreendedor dos estudantes.

O estudo considera, ainda, algumas variáveis demográficas como a idade, o género e o estatuto do trabalhador no potencial empreendedor. No entanto, estas variáveis vão ser utilizadas apenas para fins de caracterização da amostra, uma vez que o objetivo do estudo se prende na sua relação com o potencial empreendedor.

2.2 Questões de investigação e hipóteses

No âmbito desta investigação e tendo em conta os objetivos estabelecidos, foram formuladas as seguintes questões:

Questão 1 - Como se caracteriza o potencial empreendedor dos estudantes das diferentes áreas de ensino?

Questão 2 - Qual o grau de participação e aproveitamento dos estudantes em diferentes atividades de ensino e extensão universitária?

Questão 3 - Em que medida a participação em atividades de ensino e extensão universitária se relaciona de forma positiva com o potencial empreendedor dos estudantes?

Tendo como referência a literatura existente neste domínio, são de esperar algumas relações entre as variáveis, permitindo a formulação de duas hipóteses que remetem para duas das três questões de investigação.

Hipótese 1 - Esperam encontrar-se diferenças significativas no potencial empreendedor dos estudantes de diferentes áreas de ensino.

Tal como foi referido no enquadramento teórico, existem estudos que comparam o potencial empreendedor nas diferentes áreas de ensino (Santos, Caetano & Curral, 2010; Rosário, 2004; Teixeira, 2008), tendo sido encontradas diferenças significativas ao nível das diferentes áreas de ensino contempladas nos diferentes estudos, e o potencial empreendedor, pelo que neste estudo também é exetável que o potencial empreendedor dos estudantes varie em função da área de ensino.

Relativamente à questão 2 não foi formulada qualquer hipótese, tendo em conta que se trata de uma questão descritiva, que pretende caracterizar o grau de participação e perceção de aproveitamento dos participantes.

Hipótese 2 - Esperam encontrar-se uma relação estatisticamente significativas entre a participação e aproveitamento nas atividades de ensino e extensão e o potencial empreendedor dos alunos.

A segunda e última hipótese possível de formular remete para a relação da frequência e percepção de aproveitamento dos alunos nas atividades de ensino e extensão e o potencial empreendedor. De facto, não foram encontrados estudos que tivessem como objetivo estabelecer a relação entre estas duas variáveis com o potencial empreendedor. No entanto, é de consenso entre vários autores que uma educação para o empreendedorismo eficaz concretiza-se com a participação dos alunos em programas, cursos, aulas e outras atividades que estimulam e têm como objetivo desenvolver características apontadas na literatura como sendo cruciais para um empreendedor de sucesso (Gaspar & Pinho, 2008; Bosma & Schutjens, 2011; Burton, 2008; Hirish, Fox & Grant, 2007; Fayolee & Gailly, 2008; Filion, 1999; Santos, Dantas, Santos & Silva 2008; Burton, 2008; Chen, 2010; Hytti, Stenholm, Heinonen & Leino, 2010).

2.3 Amostra

O presente estudo inclui uma amostra de 333 estudantes do 3º ano, de cursos de diferentes áreas de ensino. As seis áreas de ensino contempladas foram:

Artes;
Direito;
Biotecnologia;
Economia e Gestão;
Psicologia;
Saúde.

No questionário administrado, o item "Situação profissional atual" encontrava-se descrito da seguinte maneira:

Empresário/Patrão
Desempregado

Trabalhador por conta de outrem	<input type="checkbox"/>
Estudante	<input type="checkbox"/>
Trabalhador por conta própria	<input type="checkbox"/>
Trabalhador estudante	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/>

No entanto, para facilitar a análise estatística, foram criadas 2 categorias: com experiência de trabalho e estudante.

Com o mesmo propósito, para a variável "idade" também foram criadas categorias: até 20 anos, 21 anos e mais de 22 anos.

A caracterização da amostra pode ser analisada na tabela I. A amostra total de 333 sujeitos corresponde a 68,8% (n = 229) participantes do sexo feminino e 31,2% (n = 24) do sexo masculino.

A idade dos estudantes varia entre os 19 e os 48 anos (M = 22; SD = 3,518), sendo que 34,5% (n = 115) dos alunos têm uma idade igual ou inferior a 20 anos, 26,7% (n = 89) corresponde aos alunos com 21 anos e 38,4% (n = 128) dos alunos têm mais de 22 anos.

Relativamente à situação profissional dos alunos que participaram no estudo, 14,7% (n = 49) referem já ter tido uma experiência de trabalho e 85,3% (n = 284) dos participantes são estudantes.

No que diz respeito à área de ensino, 11,4% (n = 38) da amostra frequenta a área das Artes, 31,5% (n = 105) frequenta a área do Direito, 23,1% (n = 77) frequenta a área de Biotecnologia, 14,1% (n = 47) frequenta a área de Economia e Gestão, 6% (n = 20) frequenta a área de Psicologia e 13,8% (n = 46) frequenta a área das Ciências da Saúde.

Optou-se por seleccionar estudantes do 3º ano, de forma a que tenham tido oportunidade de contactar com as diferentes iniciativas de ensino e extensão universitárias oferecidas pela universidade.

Tabela I

Caraterização da amostra tendo em conta as variáveis demográficas (idade, género e situação profissional) por áreas de ensino

Áreas de ensino	Total	Idade			Género		Situação profissional	
	n %	Até 20	21	+ 22	Feminino	Masculino	Situação Profissional	Estudante
Artes	38 11,4%	12 10,4%	10 11,2%	16 12,5%	20 8,7%	18 17,3%	8 16,3%	30 10,6%
Direito	105 31,6%	35 30,4%	21 23,6%	49 38,3%	68 29,7%	37 35,6%	16 32,7%	89 31,3%
Biotecnologia	77 23,2%	28 24,3%	24 27,0%	25 19,5%	65 28,4%	12 11,5%	9 18,4%	68 23,9%
Economia Gestão	47 14,2%	19 16,5%	17 19,1%	11 8,6%	20 8,7%	27 26%	5 10,2%	42 14,8%
Psicologia	20 6,0%	6 5,2%	6 6,7%	8 6,3%	17 7,4%	3 2,9%	2 4,1%	18 6,3%
Saúde	46 13,8%	15 13,0%	11 12,4%	16 14,8%	39 17,0%	7 6,7%	9 18,4%	37 13,0%
Total	333 100%	115 34,5%	89 26,7	128 38,4	229 68,8	104 31,2%	49 14,7%	284 85,3%

2.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados na recolha de dados foram o Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor (IAPE) construído e validado para a população portuguesa por Santos, Caetano e Curral (2010) e uma Lista de Atividades propostas pela universidade, adaptada a partir do estudo de Schmidt & Bohnenberger (2008).

IAPE - Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor (Santos, Caetano e Curral, 2010)

O IAPE é constituído por 71 itens medidos numa escala de 5 pontos (1 = discordo completamente; 5 = concordo completamente). Estes itens correspondem a onze subdimensões que posteriormente foram agrupadas em quatro dimensões de forma a ser possível a construção do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) (Santos, Caetano & Curral, 2010). A Figura 1 que se encontra na revisão bibliográfica do presente estudo apoia numa melhor visualização das subdimensões e dimensões. Alguns dos itens do questionário estão formulados na negativa, pelo que os dados foram recodificados (ex: *item 2.20 - No último mês não acrescentei ninguém à minha rede de contactos*).

A média, desvio padrão e valores mínimos e máximos de cada subdimensão encontram-se apresentados na tabela II. As onze subdimensões identificadas são: desejo de independência (M = 3,96; SD = 0,490); motivação económica (M = 3,54; SD = 0,901); capacidade de inovação (M = 3,86; SD = 0,526); inteligência emocional (M = 3,85; SD = 0,528); resiliência (M = 3,79; SD = 0,539); capacidade de comunicação e persuasão (M = 3,69; SD = 0,602); capacidade para desenvolver a rede social (M = 3,20; SD = 0,651); visão (M = 3,47; SD = 0,620); capacidade para mobilizar recursos (M = 3,71; SD = 0,568); capacidade para liderar (M = 3,60; SD = 0,561); e autoeficácia empreendedora (M = 4,05; SD = 0,563). Na totalidade da amostra, estes valores variam de 1 a 5.

Estas subdimensões, por sua vez, foram agrupadas pelos autores em quatro dimensões: motivações empreendedoras (M = 3,75; SD = 0,577), competências sociais (M = 3,44; SD = 0,512); competências psicológicas (M = 3,83; SD = 0,413) e competências de gestão (M = 3,71; SD = 0,462) (Tabela II).

Santos, Caetano & Curral (2010), construíram e operacionalizaram o IPE da seguinte forma: $IPE = (Competências\ Psicológicas + Competências\ Sociais) \times Competências\ de\ Gestão \times Motivações\ Empreendedoras^2$ (=) $IPE = (CP+CS) \times CG \times ME^2$. As motivações empreendedoras têm um peso maior no IPE uma vez que a revisão da literatura realizada pelos autores referidos indicou que estas têm um efeito direto no potencial empreendedor. As competências de gestão, são também consideradas como grandes influenciadoras do potencial

empreendedor. As competências psicológicas e as competências sociais são referidas pelos autores como "dois pilares indispensáveis e complementares para as iniciativas empreendedoras" (Santos, Caetano & Curral, 2010, p. 9).

Os resultados brutos da amostra utilizada no presente estudo foram transformados em resultados estandardizados (IPEt) com um valor médio de 50 e um desvio padrão 10 (Cronbach, 1976). Assim, foi criado o IPEt (M = 3,02; SD = 0,526). Foram criadas cinco categorias para o IPE (M = 52,88; SD = 13,457). Assim, os alunos que apresentam um desvio padrão inferior ou superior ao valor médio encontram-se no agrupamento médio; os estudantes que apresentam dois desvios padrões acima ou abaixo do valor médio, encontram-se no agrupamento elevado ou reduzido, respetivamente; os estudantes que apresentam três desvios padrões acima ou abaixo do valor médio, encontram-se no agrupamento muito reduzido e muito elevado, respetivamente. Estes valores estão apresentados no capítulo III onde se apresentam os resultados.

Tabela II

Média (M), desvio-padrão (SD) e valores mínimos e máximos das subdimensões, dimensões e IPE considerando a amostra total dos participantes

	M	SD	Valor mínimo	Valor máximo
Desejo Independência	3,96	0,490	2	5
Motivação Económica	3,54	0,901	1	5
Inovação	3,86	0,526	2	5
Inteligência Emocional	3,85	0,528	2	5
Resiliência	3,79	0,539	3	5
Comunicação e Persuasão	3,69	0,602	1	5
Rede Social	3,20	0,651	1	5
Visão	3,47	0,620	1	5

	M	SD	Valor mínimo	Valor máximo
Mobilizar recursos	3,71	0,568	2	5
Liderança	3,60	0,561	1	5
Autoeficácia empreendedora	4,05	0,563	1	5
Motivações empreendedoras	3,75	0,577	2	5
Competências sociais	3,44	0,512	2	5
Competências psicológicas	3,83	0,413	3	5
Competências gestão	3,71	0,462	1	5
IPE	52,88	13,457	12	93
IPEt	3,02	0,526	1	4

Lista de atividades propostas pela universidade (LA), adaptado de Schmidt & Bohnenberger (2008)

O questionário "Lista de Atividades propostas pela universidade" foi elaborado com base no estudo de Schimdt & Bohnenberger (2008). Este questionário foi elaborado em parceria com os responsáveis por um projeto desenvolvido pela universidade no âmbito do empreendedorismo e pela área dos estudantes e empregabilidade. Foram identificadas algumas atividades de ensino, isto é atividades que se desenvolvem no âmbito das diferentes unidades curriculares e outras atividades de extensão universitária, que são promovidas por projetos da universidade com o objetivo de estimular o empreendedorismo nos estudantes universitários.

Foi proposto aos alunos que assinalassem com 0 caso não tenham participado na atividade e de 1 a 4 consoante o seu grau de aproveitamento nas atividades em que estiveram presentes (1 = muito baixo; 4 = muito alto).

Tal como no estudo de Schmidt & Bohnenberger (2008) foi feita uma análise fatorial exploratória, com o objetivo de obter dois fatores, que pudessem agrupar as atividades de ensino e extensão universitária.

O resultado da análise fatorial das atividades identificadas, encontram-se na tabela III. Verifica-se que as atividades se agrupam em três fatores. A análise fatorial exploratória retornou KMO de 0,844. A variância total explicada para o fator 1 é de 38,189% ($\alpha = .778$), para o fator 2 é de 11,723% ($\alpha = .781$) e para o fator 3 é de 8,856% ($\alpha = .384$), sendo a variância total explicada de 58,768%.

Assim, analisando a tabela III, pode-se constatar que o fator 1 agrupa, na sua totalidade, atividades de extensão universitária, ou seja, atividades em que os alunos podem participar autonomamente que não estão relacionadas diretamente com as unidades curriculares (Jogos de Estratégia e Gestão, Concursos de Ideias de Negócio, Oficinas de Empreendedorismo, Oficinas de Empregabilidade e Participação em atividades da Incubadora da Universidade).

Por sua vez, o fator 2 integra atividades de ensino, isto é, decorrentes do plano de estudos programado nas diferentes disciplinas (Disciplinas orientadas para o empreendedorismo, Palestras/Workshops/Seminários/Formações orientadas ao empreendedorismo, Testemunhos de Empreendedores, Estudos de casos sobre novos negócios trabalhados em diferentes disciplinas, Visitas a novas empresas/instituições/projetos).

O fator 3 contempla o voluntariado e as experiências de trabalho. No entanto, uma vez que o alpha deste fator tem um valor baixo ($\alpha = .384$) não se vai ter em consideração este fator para o estudo.

Assim, foram criadas duas escalas de ensino e extensão, através do somatório das atividades de ensino e extensão, respectivamente. Por esse motivo, estas duas escalas criadas variam de 0 a 20.

Tabela III

Análise fatorial exploratória das atividades identificadas

Atividades	FATOR		
	1	2	3
1. Disciplinas orientadas para o empreendedorismo (ex: plano de negócios, projeto empresarial, modelos de negócio...)		.784	
2. Palestras/Workshops/Seminários/Formações orientadas ao empreendedorismo (ex.: criação da própria empresa, plano de negócios, estudos de mercado, incubação de empresas,...)		.588	
3. Testemunhos de Empreendedores		.755	
4. Estudos de casos sobre novos negócios trabalhados em diferentes disciplinas		.766	
5. Visitas a novas empresas/instituições/projetos		.584	
6. Jogos de Estratégia e Gestão	.716		
7. Concursos de Ideias de Negócio	.787		
8. Oficinas de Empreendedorismo	.846		
9. Oficinas de Empregabilidade	.586		
10. Participação em atividades da Incubadora na Universidade	.639		
11. Voluntariado dinamizado pela Universidade			.692
12. Experiências de trabalho na Universidade			.722

Nota.

As cargas fatoriais acima de 0,4 indicam a validade dos fatores.

2.5 Procedimentos de recolha e tratamento dos dados

Após a autorização por parte dos responsáveis A administração dos questionários foi realizada no 2º semestre, no mês de Março de 2012.

Este processo teve a duração de uma semana.

A administração foi feita de forma coletiva, no final da aula.

O preenchimento dos instrumentos demorou cerca de 15 minutos.

Depois de terem sido esclarecidos os objetivos do estudo aos participantes, foi reforçada a questão da confidencialidade. Foram também transmitidas algumas instruções nomeadamente uma chamada de atenção para a importância do preenchimento de todos os itens.

Após a administração dos questionários, os dados foram submetidos a uma análise estatística. O programa estatístico utilizado foi o *SPSS - Statistical Package for the Social Sciences, versão 17.0*. Os testes do programa referido utilizados foram a *ANOVA*, o *T Test* e testes de correlação a fim de obter o *coeficiente de correlação de Pearson*.

Capítulo 3 - Apresentação dos resultados

A análise dos resultados obedeceu à ordem pela qual foram formulados os objetivos.

Deste modo, pelo facto de o primeiro objetivo deste estudo visar a caracterização do potencial empreendedor dos estudantes universitários de diferentes áreas de ensino começa-se por fazer uma análise descritiva das medidas do potencial empreendedor (subdimensões, dimensões e IPE). Assim, apresenta-se primeiro uma tabela referente às médias das onze subdimensões nas diferentes áreas de ensino, depois uma tabela referente às quatro dimensões tendo em conta as áreas de ensino e por último é apresentada uma tabela referente ao IPE por área de ensino.

Seguidamente apresenta-se uma análise descritiva da participação e perceção de aproveitamento em atividades de ensino e extensão.

Por fim é realizada uma Análise das relações entre as subdimensões, dimensões e IPE com a participação nas atividades de ensino e extensão.

3.1 Análise descritiva das medidas do potencial empreendedor (subdimensões, dimensões e Índice do Potencial Empreendedor - IPE) tendo em conta a área de ensino

A análise da tabela IV permite analisar as médias das diferentes subdimensões do potencial empreendedor dos estudantes universitários, tendo em conta a área de ensino.

As médias da totalidade dos participantes variam entre 3,2 e 4,1 sendo bastante elevadas, uma vez que variam entre 1 e 5.

Relativamente à amostra total dos participantes, verificamos que a variável *capacidade para desenvolver a rede social* é a variável que apresenta um valor médio mais baixo ($M = 3,2$) enquanto que a variável *autoeficácia empreendedora* é a que apresenta um valor médio mais elevado ($M = 4,1$). No entanto, as médias da capacidade de inovação e da inteligência emocional apresentam-se também com valores altos ($M = 3,9$). Analisando as médias nas subdimensões nas diferentes áreas de ensino, é possível verificar que os estudantes que frequentam a área das Artes têm um valor médio mais elevado

(M = 4,0) nas variáveis *desejo de independência* e *capacidade de inovação*, apresentando um valor médio inferior (M = 3,1) nas variáveis *motivação económica* e *capacidade para desenvolver rede social*. Os estudantes que frequentam a área do Direito, apresentam um valor médio mais elevado (M = 4,1) na variável *autoeficácia empreendedora* e um valor médio mais baixo (M = 3,1) na variável *capacidade para desenvolver rede social*. Por sua vez, os estudantes que frequentam a área de Biotecnologia, obtiveram um valor médio mais elevado (M = 4,1) na variável *autoeficácia empreendedora* apresentando um valor médio inferior (M = 3,6) nas variáveis *capacidade de comunicação e persuasão*, *visão* e *capacidade para liderar*. Os estudantes de Economia e Gestão e Psicologia apresentam um valor médio mais elevado (M = 4,1, M = 4,2, respetivamente) na variável *autoeficácia empreendedora*, contrastando com um valor médio inferior (M = 3,3; M = 3,0, respetivamente) na variável *capacidade para desenvolver rede social*. Por último, os estudantes que frequentam a área da Saúde obtiveram um valor médio superior (M = 4,0) nas variáveis *desejo de independência* e *autoeficácia empreendedora*, apresentando um valor médio inferior (M = 3,3) na variável *capacidade para desenvolver rede social*.

Com recurso à ANOVA, foi possível constatar que existem diferenças estatisticamente significativas nos valores médios da subdimensão *motivação económica* ($F = 2,579$; $p = 0.026$) e da *capacidade de comunicação e persuasão* ($F = 3,274$; $p = 0.007$), tendo em conta as diferentes áreas de ensino (tabela III).

Para a subdimensão *motivação económica*, os testes de Post Hoc confirmam as diferenças apontadas, concretamente entre os estudantes de Artes (M = 3,1) e os estudantes de Biotecnologia e Economia e Gestão (M = 3,7). Os referidos testes também confirmam, para a subdimensão *capacidade de comunicação e persuasão*, as diferenças apontadas, concretamente entre os estudantes de Artes (M = 3,4) e os estudantes de Economia e Gestão (M = 3,9).

Tabela IV

Médias das onze subdimensões do potencial empreendedor dos estudantes universitários, tendo em conta a área de ensino.

Subdimensões	M total (n= 333)	SD total (n =333)	Área de ensino					
			Artes (n=38)	Direito (n=105)	Biociências (n=77)	Economia e Gestão (n=47)	Psicologia (n=20)	Saúde (n=46)
1. Desejo de independência	4,0	0,5	4,0	4,0	3,9	4,0	4,1	4,0
2. Motivação económica*	3,5	0,9	3,1	3,5	3,7	3,7	3,6	3,6
3. Capacidade de inovação	3,9	0,5	4,0	3,9	3,8	3,8	4,0	3,9
4. Inteligência emocional	3,9	0,5	3,7	3,9	3,8	3,8	3,8	3,9
5. Resiliência	3,8	0,5	3,8	3,8	3,7	3,8	3,8	3,7
6. Capacidade de comunicação e persuasão*	3,7	0,6	3,4	3,8	3,6	3,9	3,5	3,7
7. Capacidade para desenvolver rede social	3,2	0,7	3,1	3,1	3,3	3,3	3,0	3,3
8. Visão	3,5	0,6	3,3	3,4	3,6	3,5	3,5	3,6
9. Capacidade para mobilizar recursos	3,7	0,6	3,5	3,7	3,8	3,8	3,7	3,7
10. Capacidade para liderar	3,6	0,6	3,5	3,6	3,6	3,7	3,6	3,6
11. Autoeficácia empreendedora	4,1	0,6	3,9	4,1	4,1	4,1	4,2	4,0

Nota

* diferenças significativas nos valores médios das subdimensões, tendo em conta a área de ensino, $p \leq 0.005$.

De seguida, apresenta-se a análise descritiva das quatro dimensões tendo em conta a área de ensino dos participantes.

No que diz respeito às dimensões que constroem o IPE, os resultados apresentam-se discriminados na tabela V. Da análise da tabela, pode-se verificar que, relativamente à amostra total dos participantes, os valores médios das variáveis *motivações empreendedoras* e *competências sociais* são os mais elevados ($M = 3,8$) enquanto que o valor médio mais baixo corresponde à variável *competências psicológicas* ($M = 3,4$).

Analisando os valores médios tendo em conta a área de ensino, verifica-se que os estudantes da área das Artes e da área do Direito, apresentam um valor médio superior ($M = 3,8$; $M = 3,9$, respetivamente) na variável *competências sociais* e um valor médio inferior na variável ($M = 3,3$; $M = 3,5$, respetivamente) na variável *competências psicológicas*. Os estudantes que frequentam as áreas da Biotecnologia, apresentam um valor médio superior ($M = 3,8$) nas variáveis *motivações empreendedoras*, e nas *competências sociais* tendo obtido o valor médio inferior na variável *competências psicológicas*. Os estudantes que frequentam as áreas de Economia e Gestão e Psicologia obtiveram um valor médio superior idêntico ($M = 3,8$) nas variáveis *motivações empreendedoras*, *competências sociais* e *competências de gestão*, apresentando um valor médio inferior na variável *competências psicológicas* ($M = 3,6$; $M = 3,2$, respetivamente). Por último, os estudantes que frequentam cursos incluídos na área da Saúde, apresentam um valor médio superior ($M = 3,9$) na variável *competências sociais* e um valor médio inferior ($M = 3,5$) na variável *competências psicológicas*.

Tabela V

Médias das quatro dimensões do potencial empreendedor dos estudantes universitários, tendo em conta a área de ensino.

Dimensões	M total n = 333	SD total n=333	Área de ensino					
			Artes (n=38)	Direito (n=105)	Biotecnologia (n=77)	Economia e Gestão (n=47)	Psicologia (n=20)	Saúde (n=46)
a) Motivações empreendedoras	3,8	0,6	3,5	3,7	3,8	3,8	3,8	3,8
b) Competências psicológicas	3,4	0,5	3,3	3,5	3,4	3,6	3,2	3,5
c) Competências sociais	3,8	0,4	3,8	3,9	3,8	3,8	3,8	3,9
d) Competências de gestão	3,7	0,5	3,5	3,7	3,7	3,8	3,8	3,8

No seguimento das subdimensões e dimensões já apresentadas, analisamos agora o Índice do Potencial Empreendedor (IPE), tendo em conta a área de ensino.

Foi dito na metodologia, que os valores de IPE foram transformados em resultados estandardizados, a fim de se poderem criar categorias que nos indiquem se os estudantes têm um IPE elevado ou reduzido. A comparação dos valores médios do IPEt encontra-se apresentada na tabela VI. A análise da tabela permite verificar que os estudantes de Artes são os únicos a apresentar um valor médio de IPE ($M = 47,8$; $SD = 11,7$) inferior à média. Os alunos de Direito, Biotecnologia, Economia e Gestão, Educação e Psicologia e Ciências da Saúde apresentam um valor médio de IPE acima da média ($M = 53,1$; $F = 15,7$; $M = 53,2$; $F = 12,3$; $M = 54,7$; $F = 11,3$; $M = 54,4$; $F = 13,3$; $M = 52,9$, $F = 13,5$, respetivamente), sendo os alunos de Economia e Gestão aqueles que apresentam um valor médio de IPE superior ($M = 54,7$).

Os estudantes que frequentam a área de Direito são os únicos a apresentar percentagens de IPEt no agrupamento *muito reduzido*, embora este valor seja muito baixo (1,0%). No entanto, os estudantes dessa área e os estudantes de Saúde são os que apresentam uma maior percentagem de IPEt no agrupamento *elevado* (18,1% e 21,7%, respetivamente).

No agrupamento *reduzido*, os alunos que frequentam a área das Artes são aqueles que apresentam uma percentagem de IPEt superior (28,9%), já os alunos que frequentam a área de Economia e Gestão são os que obtêm uma percentagem de IPEt inferior (6,4%).

Todas as áreas de ensino apresentam uma maior percentagem de IPEt no agrupamento *médio*, sendo que os alunos que frequentam a área de Economia e Gestão apresentam uma percentagem superior (83,0%) e os estudantes de Saúde apresentam uma percentagem inferior (67,4%).

No agrupamento *elevado*, os alunos de Saúde são os que apresentam uma percentagem de IPEt superior (21,7%) enquanto que os alunos de Artes apresentam uma percentagem de IPEt inferior (2,6%).

Constata-se que os estudantes apresentam uma maior percentagem de IPEt elevado (14,7%) do que IPEt reduzido (11,7%).

Nenhum estudante apresenta um IPEt na categoria *muito elevado*.

Tabela VI

Médias do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) dos estudantes universitários e percentagem tendo em conta a área de ensino.

		IPEt					
		Média (n=333)	Desvio Padrão	muito reduzido	reduzido	médio	elevado
	Estudantes universitários	52,9	13,5	,3%	11,7%	73,3%	14,7%
	Artes	47,8	11,7		28,9%	68,4%	2,6%
	Direito	53,1	15,7	1,0%	10,5%	70,5%	18,1%
Área de ensino	Biotecnologia	53,2	12,3		9,1%	76,6%	14,3%
	EconomiaGestão	54,7	11,3		6,4%	83,0%	10,6%
	Psicologia	54,4	13,3		10,0%	75,0%	15,0%
	Saúde	52,9	13,5		10,9%	67,4%	21,7%

3.2 Análise descritiva da participação e perceção de aproveitamento em atividades de ensino e extensão propostas pela Universidade

O segundo objetivo estabelecido visa a caracterização do grau de participação e perceção de aproveitamento dos estudantes em diferentes atividades de ensino e de extensão universitária, tendo em conta a área de ensino.

A análise da tabela VII permite constatar que na sua maioria, as atividades de ensino não têm tido muita participação dos alunos. De facto, os valores da não participação variam de 55% (visitas) e 83,4% (disciplinas).

De todas as atividades que fazem parte do ensino, as menos frequentadas são as *disciplinas orientadas para o empreendedorismo* (55%), Os alunos da área de Gestão e Economia, por sua vez, são quem mais participam nas *disciplinas* e consideram ter participado nelas com alto grau de aproveitamento (44,7%). Os alunos desta área são também aqueles que participaram com alto grau de aproveitamento os *estudos de caso sobre novos negócios trabalhados em diferentes disciplinas* (48,9%).

As atividades que tiveram mais participação dos alunos das diferentes áreas foram as *visitas a novas empresas/instituições/projetos* (55,0%) e neste caso, os estudantes da área de Psicologia são os que mais frequentam com

alto e muito alto grau de aproveitamento estas atividades (35%, 20%, respectivamente). Os alunos desta área são também os que mais frequentam com alto e muito alto grau de aproveitamento percebido as *palestras/workshops/seminários* e *formações* orientadas para o empreendedorismo (50%, 10%, respectivamente) e os *testemunhos de empreendedores* (50%, 15%, respectivamente).

De salientar que os alunos que frequentam as áreas de Artes, Direito e Saúde não se destacam por grau participação e aproveitamento em nenhuma atividade de ensino.

Tabela VII

Participação e percepção do grau de aproveitamento dos alunos nas atividades de ensino propostas pela Universidade

	LA1				LA2				LA3				LA4				LA5			
	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
%	92,1	2,6	5,3	0	0	70,3	8,1	13,5	5,4	2,7	63,2	10,5	15,8	10,5	0	73,7	5,3	10,5	10,5	0
Artes	91,4	2,9	1,9	2,9	1	64,8	2,9	8,6	21,0	2,9	78,1	2,9	5,7	12,4	1	85,7	4,8	1	7,6	1
Direito	83,1	2,6	9,1	5,2	0	51,9	6,5	16,9	20,8	3,9	64,9	5,2	18,2	9,1	2,6	64,9	13,0	9,1	13,0	0
Biociologia	44,7	0	4,3	44,7	6,4	40,4	0	23,4	27,7	8,5	38,3	0	17	34,0	10,6	25,5	2,1	10,6	48,9	12,8
Economia Gestão	89,5	0	5,3	5,3	0	30,0	0	10,0	50,0	10,0	25,0	5,0	5	50,	15,0	65,0	10,0	5,0	15,0	5,0
Psicologia	95,7	0	4,3	0	0	93,5	0	4,3	2,2	0	84,8	0	8,7	6,5	0	87,0	0	4,3	8,7	0
Saúde	83,4	1,8	4,8	8,7	1,2	60,8	3,3	12,7	19,3	3,9	65,5	3,6	11,7	15,9	3,3	70,0	6,0	6,0	15,6	2,4
Total																				

Nota.

Valores apresentados em percentagem.

LA1 = Disciplinas orientadas para o empreendedorismo (ex: plano de negócios, projeto empresarial, modelos de negócio)

LA2 = Palestras/Workshops/Seminários/Formações orientadas para o empreendedorismo (ex.: criação da própria empresa, plano de negócios, estudos de mercado, incubação de empresas,...)

LA3 = Testemunhos de Empreendedores

LA4 = Estudos de casos sobre novos negócios trabalhados em diferentes disciplinas

LA5 = Visitas a novas empresas/instituições/projetos;

0 = Não participou; **1** = Participou com muito baixo aproveitamento; **2** = Participou com baixo aproveitamento; **3** = Participou com alto aproveitamento; **4** = Participou com muito alto aproveitamento.

No que diz respeito às atividades de extensão, a participação e grau de aproveitamento dos participantes encontram-se apresentados na tabela VIII.

Da sua análise pode-se verificar que os alunos frequentam ainda menos estas atividades, do que as atividades de ensino. Os valores da não participação variam, neste caso, de 57,4 % (oficinas de empregabilidade) a 95,7 % (atividades da incubadora da Universidade). As atividades mais participadas foram as *oficinas de empregabilidade* (75,9%). Os estudantes que mais participam nas *oficinas de empregabilidade* com alto e muito alto grau de aproveitamento foram os de Gestão e Economia (10,6%, 17%, respetivamente) e os de Psicologia (10%). Os estudantes dessa área de ensino são também os que participam mais nas *oficinas de empreendedorismo* embora uns percecionem a sua participação com alto grau de aproveitamento e outros percecionem a sua participação com baixo grau de aproveitamento (10,0%)

Os estudantes de Psicologia são os que participam com maior grau de aproveitamento os *concursos de ideias de negócio* (10,5%, 5,3%, respetivamente) embora também haja uma percentagem razoável de participação dos estudantes de Biotecnologia. No entanto, estes percecionam a sua participação na atividade com baixo grau de aproveitamento (10,4%).

No que se refere aos *jogos de estratégia e gestão*, os alunos de Economia e Gestão são os que mais os frequentam. Contudo, uns percecionam a sua participação com baixo grau de aproveitamento (15,2%) e outros percecionam a sua participação na atividade com alto grau de participação (10, 9%).

De salientar que nenhum aluno de Psicologia percecionou a sua participação nesta atividade com alto ou muito alto grau de aproveitamento (0%). O mesmo aconteceu para os estudantes de Economia e Gestão no que se refere aos concursos de ideias de negócios (0%), aos alunos de Artes relativamente às oficinas de empreendedorismo (0%), e aos alunos de Economia e Gestão no que se refere às atividades da incubadora da Universidade (0%).

Tabela VIII

Participação e percepção do grau de aproveitamento dos alunos nas atividades de extensão universitária propostas pela Universidade

	LA6				LA7				LA8				LA9				LA10								
	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
Artes	94,7	0	2,6	2,6	0	94,7	0	2,6	2,6	0	94,7	0	5,3	0	0	78,9	7,9	7,9	2,6	2,6	84,2	10,5	2,6	2,6	0
Direito	87,6	2,9	3,8	3,8	1,9	93,3	2,9	2,9	1,0	0	92,3	2,9	2,9	1,0	1,0	82,7	2,9	3,8	4,8	5,8	93,3	3,8	0	1,9	1
Biocologia	76,6	5,2	6,5	7,8	3,9	80,5	6,5	10,4	1,3	1,3	81,8	6,5	9,1	2,6	0	68,8	6,5	10,4	10,4	3,9	88,3	3,9	3,9	3,9	0
Economia Gestão	69,6	2,2	15,2	10,9	2,2	87,2	6,4	6,4	0	0	80,0	0	10,0	0	10,0	57,4	0	14,9	10,6	17,0	95,7	0	4,3	0	0
Psicologia	80,0	5,0	15,0	0	0	78,9	0	5,3	10,5	5,3	89,4	4,3	0	4,3	2,1	75,0	0	5,0	10,0	10,0	95,0	0	0	0	5,0
Saúde	91,3	4,3	2,2	2,2	0	88,9	4,4	2,2	4,	0	88,6	3,6	4,8	1,8	1,2	89,1	4,3	2,2	4,3	0	91,3	2,2	4,3	2,2	0
Total	83,4	3,3	6,3	5,1	1,8	88,2	3,9	5,1	2,1	0,6	88,6	3,6	4,8	1,8	1,2	75,9	3,9	7,2	6,9	6,0	91,3	3,6	2,4	2,1	6,0

Nota.

Valores apresentados em percentagem.

LA6 = Jogos de Estratégia e Gestão

LA7 = Concursos de Ideias de Negócio (ex.: Empresas Sociais, Ideias em Ação)

LA8 = Oficinas de Empreendedorismo (ex.: 24 horas non-stop pelo empreendedorismo social)

LA9 = Oficinas de empregabilidade

LA10= Participação em atividades da Incubadora na Universidade

0 = Não participou; **1**= Participou com muito baixo aproveitamento; **2**= Participou com baixo aproveitamento; **3**= Participou com alto aproveitamento; **4**= Participou com muito alto aproveitamento.

3.3 Análise das relações entre as subdimensões, dimensões e IPE com a participação nas atividades de ensino e extensão

A análise das correlações entre as variáveis são úteis na melhor compreensão da forma como as subdimensões, dimensões e IPE se relacionam entre si.

Através da leitura da tabela IX, verifica-se que existem algumas correlações significativas embora nem todas se apresentam como correlações fortes.

Existe uma relação positiva e significativa entre a variável *inovação* e as *atividades de ensino e extensão universitária* (isto é quanto mais os alunos frequentarem atividades com vista a estimular e desenvolver o potencial empreendedor, mais adquirem a sua capacidade de inovação. ($r = .148$; $r = .132$, sig. ≤ 0.005 respetivamente). A variável *inteligência emocional* apresenta apenas relações significativas com as *atividades de ensino* ($r = .119$, sig. ≤ 0.005). A subdimensão *resiliência* apresenta também uma relação significativa com ambas as *atividades de ensino* ($r = 0.137$, sig. ≤ 0.005) e *extensão universitária* ($r = .201$, sig. ≤ 0.005). A subdimensão *rede social* apresenta uma relação positiva apenas com as *atividades de ensino*, sendo portanto um aspeto que não é de forma tão evidente desenvolvido nas atividades de extensão. As subdimensões *visão* ($r = .186$; $r = .216$) *mobilizar recursos* ($r = .308$; $r = .244$, sig. ≤ 0.005) e *liderança* ($r = .154$; $r = .157$, sig. ≤ 0.005) relacionam-se positivamente com as *atividades de ensino e extensão*.

No que diz respeito às quatro dimensões, três delas relacionam-se de forma positiva com as atividades de ensino e extensão. São elas as *competências sociais* ($r = .140$; $r = .131$, sig. ≤ 0.005) *competências psicológicas* ($r = .174$; $r = .181$, sig. ≤ 0.005) e as *competências de gestão* ($r = .232$; $r = .192$, sig. ≤ 0.005). No entanto, as *motivações empreendedoras* (*desejo de independência* e *motivação económica*) não são variáveis desenvolvidas em atividades de ensino e extensão.

No que diz respeito ao IPE, foram estabelecidas relações positivas com as atividades de ensino e extensão ($r = .217$; $r = .206$, sig. ≤ 0.005).

Tabela IX

Correlações entre as subdimensões, dimensões e IPE e a participação em atividades de ensino e extensão universitária

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	a)	b)	c)	d)	IPE	LA ensino	LA extensão
1. Desejo de independência	--	.320	.325	.401	.360	.259	.184	.275	.326	.404	.439	.674	.273	.465	.458	.604	.014	.028
2. Motivação econômica		--	.097	.0172	.128	.237	.129	.260	.348	.249	.916	.916	.226	.171	.351	.558	.077	.075
3. Inovação			--	.368	.334	.369	.355	.378	.383	.480	.341	.214	.445	.728	.497	.580	.148*	.132*
4. Inteligência emocional				--	.519	.236	.206	.472	.397	.429	.504	.305	.274	.807	.569	.608	.119	.091
5. Resiliência					--	.254	.210	.428	.424	.379	.509	.253	.283	.798	.544	.595	.137*	.201*
6. Comunicação e persuasão						--	.328	.380	.321	.489	.307	.297	.799	.366	.471	.617	.091	.101
7. Rede Social							--	.206	.254	.276	.148	.178	.832	.331	.277	.481	.141*	.123
8. Visão								--	.613	.525	.450	.319	.357	.546	.822	.707	.186*	.216*
9. Mobilizar recursos									--	.482	.534	.412	.350	.515	.826	.730	.308*	.244
10. Liderança										--	.456	.366	.466	.552	.771	.721	.154*	.157*
11. Autoeficácia empreendedora											--	.380	.276	.580	.764	.668	.099	.016
a) Motivações empreendedoras												--	.292	.331	.468	.692	.066	.070
b) Competências sociais													--	.429	.455	.671	.140*	.131*
c) Competências psicológicas														--	.689	.764	.174*	.181*
d) Competências de gestão															--	.888	.232*	.192*
IPE																--	.217*	.206*
LA ensino																	--	.508*
LA extensão																		--

Nota

* diferenças significativas entre os valores médios das dimensões, dimensões e IPE e a participação em atividades de ensino e de extensão universitária, $p \leq 0.005$.

Capítulo 4 - Discussão dos resultados e conclusões

O presente estudo torna-se pertinente, uma vez que a literatura aponta para o empreendedorismo construído, decaído a ideia de existem empreendedores inatos e prevalecendo a noção de que é possível desenvolver as características do potencial empreendedor (Edelman & Brush 2008; Fayolle & Gailly, 2008; Kuratko, 2005; Lena & Wong, 2004; Naia, 2009).

O empreendedor de sucesso apresenta algumas características que deve ir desenvolvendo, como autoeficácia empreendedora, as competências sociais, a liderança, a autonomia, a necessidade de sucesso ... (Bandura, 1993; Hirish, Fox & Grant, 2007; Santos, Caetano & Curral, 2010; Leitão & Cruz, 2006; Knopik & Moerer, 2010; Schimdt & Bohnenberger, 2008; Tyszkaa et al., 2011).

Os estabelecimentos de ensino universitário têm um papel privilegiado no desenvolvimento destas características (Gaspar & Pinho, 2008; Bosma & Schutjens, 2011; Burton, 2008; Hirish, Fox & Grant, 2007; Fayolee & Gailly, 2008; Fillion, 1999; Santos, Dantas, Santos & Silva 2008; Burton, 2008; Chen, 2010; Hytti, Stenholm, Heinonen & Leino, 2010; Schmidt & Bohnenberger, 2008; Shein, Crous & Scheppers, 2010).

Este estudo é considerado inovador na medida em que faz parte duma minoria de estudos que se focam na comparação nas características psicológicas com a área de ensino e a sua relação com a participação em atividades de ensino e extensão universitária.

O desenho metodológico desta investigação foi inspirado por dois artigos: Schmidt e Bohnenberger (2008) e Santos, Caetano e Curral (2010).

O primeiro tem como objetivo estabelecer relações entre algumas características do potencial empreendedor, nomeadamente a intenção empreendedora, e antecedentes do potencial empreendedor como a família, a idade, o número de dependentes financeiros e as atividades de ensino e extensão identificadas numa Universidade do Brasil. Os resultados deste estudo apontam para uma relação forte entre as *atividades de ensino* e a variável *assumir riscos* e também uma relação forte entre a *família* e a *intenção empreendedora* (Schmidt e Bohnenberger, 2008).

Desde modo, considerou-se de extrema importância explorar a contribuição da Universidade Portuguesa no estímulo do potencial

empreendedor, a partir de algumas atividades de ensino e extensão identificadas.

Depois de se fazer uma exploração detalhada dos diferentes instrumentos que têm como objetivos avaliar o potencial empreendedor na sua globalidade, selecionou-se o *IAPE - Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor* (Santos, Caetano & Curral, 2010) uma vez que este avalia a principais características psicológicas para um empreendedor de sucesso e permite uma análise completa e pormenorizada das subdimensões, dimensões e IPE - Índice do Potencial Empreendedor dos estudantes.

Deste modo, o presente estudo tem três objetivos: : 1. Caracterizar o potencial empreendedor de uma amostra de estudantes do ensino superior de várias áreas de ensino; 2. Caracterizar o grau de participação e percepção de aproveitamento dos estudantes em diferentes atividades de ensino e de extensão universitária; 3. Analisar a relação entre variáveis académicas (nomeadamente a área de ensino e a participação em atividades de ensino e de extensão universitária) e o potencial empreendedor dos estudantes.

De facto, a análise descritiva das subdimensões, dimensões e IPE tendo em conta a área de ensino, por si só, já acarretam resultados muito interessantes.

O primeiro permitiu constatar que existem diferenças ao nível das médias das onze subdimensões - *desejo de independência, motivação económica, inovação, inteligência emocional, resiliência, capacidade de comunicação e persuasão, visão, liderança e autoeficácia empreendedora* - embora só em duas variáveis (*motivação económica e capacidade de comunicação e persuasão*) é que essas diferenças foram significativas. Assim, os estudantes das diferenças detetadas estão entre os estudantes que frequentam a áreas de Arte, tendo uma média inferior, e os estudantes que frequentam a área de Economia e Gestão que apresentam uma média superior.

Por outro lado, constatou-se que ao nível das quatro dimensões - *motivações empreendedoras, competências psicológicas, competências sociais e competências de gestão* - também se podem verificar diferenças, embora estas não sejam estatisticamente significativas.

No que diz respeito ao IPE, depois de se ter transformado os dados em resultados estandardizados, o que facilitou a categorização dos resultados em

cinco agrupamentos - muito reduzido, reduzido, médio e elevado - constata-se que 73% dos alunos se encontra no agrupamento médio, 12% no agrupamento muito reduzido e reduzido e 15% no agrupamento elevado, o que permite concluir que o potencial empreendedor dos estudantes na sua maioria é médio ou elevado, contrariando os resultados identificados no estudo de Santos, Caetano e Curral (2010) que encontraram uma maior percentagem de alunos no agrupamento reduzido do que elevado.

Conclui-se também que ao nível da participação e perceção de aproveitamento dos estudantes nas atividades de ensino e extensão, existe uma taxa considerável de participantes a não participarem nas iniciativas referidas e uma taxa de perceção de baixo aproveitamento que merece reflexão.

Finalmente, da relação analisada entre o potencial empreendedor e a participação em atividades de ensino e extensão, confirma-se que esta relação é significativa.

A constatação destes resultados permite o levantamento e reflexão de algumas questões.

Primeiramente, o facto de existirem umas áreas de ensino que integram ,no seu plano de estudos, unidades curriculares associadas ao empreendedorismo e outras não. Importa refletir sobre o equilíbrio destas disciplinas nas diferentes áreas de ensino, uma vez que a participação obrigatória numa disciplina bem estruturada e que vá de encontro às necessidades dos estudantes, pode-se constituir uma mais valia para a sensibilização das questões do empreendedorismo e o apoio no desenvolvimento de características do potencial empreendedor. De facto, é de considerar que os estudantes de Economia e Gestão apresentem competências mais desenvolvidas neste âmbito, até porque são os que apresentam uma taxa menor de não participação nas disciplinas orientadas para o empreendedorismo, o que leva a crer que provavelmente estas disciplinas fomentam o espírito empreendedor nos alunos. O objetivo do conceito do empreendedorismo prende-se com o desenvolvimento do potencial empreendedor não só numa perspetiva de criação de negócio mas para estimular e desenvolver as características empreendedoras dos indivíduos em

qualquer área profissional (Gaspar & Pinho, 2008; Lambing & Kuehl, 2000; Moreira, 2009).

Por outro lado, constata-se a importância de reforçar projetos e programas de educação para o empreendedorismo junto das Universidades, que abranjam diversas atividades com estratégias diferentes, como concursos de ideias, oficinas de empreendedorismo e jogos de estratégia, por exemplo, uma vez que apoiam no desenvolvimento de competências que irão ser muito úteis para os estudantes, mesmo que estes não venham a optar por construir uma carreira empreendedora. De facto, as características inerentes ao empreendedor são úteis em qualquer área, e em qualquer área é possível fazer melhor e diferente, pelo que competências como a inovação, persistência, a capacidade de resiliência, planeamento de objetivos ... (Farzaneh et al., 2010; Kourilsky, 1980; Rasheed, 2000; Shein, Crous & Schepers, 2010) devem ser desenvolvidas e estimuladas pelos estudantes, não só através da participação em atividades extra curriculares que lhes possam apoiar no desenvolvimento dessas características como também através do contributo da Universidade através de atividades de ensino e extensão.

Importa, deste modo, que a Universidade reforce estes programas e/ou projetos, atentando na sua divulgação. Considera-se que a divulgação deve ser realizada de forma atrativa e global, isto é, que de forma eficaz consiga abranger todas as áreas de ensino.

Uma vez que os resultados deste estudo apontam também para o não aproveitamento por parte dos estudantes em algumas atividades, considera-se que seria importante se fosse realizada uma avaliação no final de cada iniciativa desenvolvida, a fim de obter com precisão e objetividade o que não chamou tanto a atenção dos alunos ou o que não foi tão claro ou mesmo o que não teve tanta pertinência para eles e poder repensar os projetos, reformular os seus objetivos e adequar as estratégias utilizadas para melhor os fazer cumprir.

Em jeito de síntese, conclui-se que as hipóteses formuladas confirmam-se, na medida em que existem diferenças significativas no potencial empreendedor dos alunos, tendo em conta a área de ensino nos estudantes. Na mesma linha, constatou-se que a participação em atividades de ensino e extensão universitária contribuem para o desenvolvimento de competências mas não das motivações empreendedoras.

De forma geral, acredita-se que este estudo contribui para as pesquisas, no meio universitário, no campo do empreendedorismo.

De salientar o papel da investigação psicológica neste domínio, na medida em que, uma vez que o foco da psicologia enquanto ciência é "descrever, explicar, prever e controlar o comportamento humano" (Almeida & Freire, 2003) e as investigações no âmbito do empreendedorismo são, atualmente, centradas nas características do empreendedor (Baum & Locke, 2001; Fayolle & Gailly, 2008; Hirish, Fox & Grant, 2007; Junior & Souza, 2005; ; Knopik & Moerer, 2010; Leitão & Cruz, 2006; Luca, Cazan & Tomulescu, 2012; Schmidt & Bohnenberger, 2008; Santos, Caetano & Curral, 2010; Shein, Crous & Scheppers, 2010).

4.1 Limitações

É evidente que não se pode, em relação a estes resultados, estabelecer uma relação de causalidade. O desenho metodológico não o permite e considera-se essa a principal limitação desta investigação. Na verdade, não se sabe se os alunos que frequentam estas atividades fazem-no por já terem as competências desenvolvidas e, portanto, quererem melhorar as suas competências empreendedoras uma vez que estão mais sensibilizados para as questões neste domínio (ex: capacidade de inovar, de resiliência, de visão, de mobilizar recursos e de liderança) ou se, pelo contrário, é o facto de se envolverem em atividades de ensino e extensão que os leva a desenvolverem as características relacionadas com o potencial empreendedor.

Uma outra questão que limitou este estudo prende-se com a amostra, que inicialmente se previa ser muito mais representativa. No entanto, provavelmente pela semana escolhida para a recolha dos dados, não houve muita participação dos alunos às aulas, pelo que apenas se conseguiu recolher junto de 333 alunos das diferentes áreas.

4.2 Investigações futuras

Relativamente a investigações futuras, foram pensadas várias sugestões.

A primeira está relacionada com a integração de outras variáveis em estudos semelhantes. Neste estudo, por não ir de encontro aos objetivos, não foi possível incluir a variável intenção empreendedora, que é referida diversas vezes na literatura como sendo uma variável importante num empreendedor de sucesso. (Rosário, 2004; Oosterbeek, Praag & Ijsselstein, 2008). Como tal, sugere-se que os questionários de avaliação do potencial empreendedor incluam uma questão acerca da intenção empreendedora (Ex: No futuro, gostaria de criar a minha própria empresa?).

Nesta linha, sugerem-se a realização de estudos semelhantes em que na lista de atividades sejam integradas iniciativas extra-curriculares (como o voluntariado, associações...), uma vez que se pressupõe que estas iniciativas também apoiem no desenvolvimento de características consideradas essenciais para um empreendedor de sucesso.

Uma outra sugestão prende-se com a frequência deste género de estudos noutras Universidades. De facto, não são encontradas na literatura estudos que refletem sobre o impacto de programas e/ou projetos associados ao empreendedorismo em Universidades Portuguesas. Considera-se que a presente investigação se pode constituir como um ponto de partida para a realização de outros estudos semelhantes noutras Universidades, uma vez que as Universidades podem contribuir de forma recíproca para o desenvolvimento de ações no sentido de estimular o espírito empreendedor dos estudantes.

Tendo em conta os resultados deste estudo, em que há muitos estudantes a frequentar as atividades com baixo ou muito baixo grau de aproveitamento, seria importante que se realizassem investigações com o objetivo de avaliar as iniciativas das Universidades neste âmbito. Deste modo, uma sugestão passa pela realização de estudos longitudinais, com a execução de pré-teste e pós teste, no sentido de avaliar a eficácia de programas de educação para o empreendedorismo.

Referências bibliográficas

Almeida, L. & Freire, T. (2008) *Metodologia Da Investigação Em Psicologia*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Alstete, J. W. (2008). Aspects of entrepreneurial success. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(3), 584-594.

Arenius, P. & Minniti, M. (2005). Perceptual Variables and Nascent Entrepreneurship. *Small Business Economics*, 24, 233-247.

Adeyemo, S.A. (2009). Understanding and acquisition of entrepreneurial skills: A pedagogical re-orientation for classroom teacher in science education. *Journal of Turkish Science Education*, 6(3), 57-65.

Askon, B. & Yildirim, Y. Insights On Entrepreneurship Education In Public Universities In Turkey: Creating Entrepreneurs Or Not?. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 24, 663–676. doi:10.1016/j.sbspro.2011.09.050.

Bandura, A. (1993). Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. *Educational Psychologist*, 28(2), 117–148 doi: 10.1207/s15326985ep2802_3

Baum, J.R., Frese, M. & Baron, R. (2007). *The psychology of entrepreneurship*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Baum, J.R. & Locke, E.A. (2004) The relationship of entrepreneurial traits, skill, and motivation to subsequent venture growth. *Journal of Applied Psychology*, 89(4), 587-598.

- Binks, M., Starkey, K. & Mahon, C. (2006). Entrepreneurship Education and the Business School, *Technology Analysis and Strategic Management*, 18(1), 1-18.
- Bolton, B. & Thompson, J. (2004). *Entrepreneurs: Talent, temperament, technique*. Oxford: Elsevier
- Bosma , N. & Schutjens , V. (2011). Understanding regional variation in entrepreneurial activity and entrepreneurial attitude in Europe. *The Annals of Regional Science*, 47(3), 711-742. doi: 10.1007/s00168-010-0375-7
- Brandstätter, H. (2010). Personality aspects of entrepreneurship. A look at five meta-analysis. *Personality and Individual Differences*, 51(3), 222-230. doi: 10.1016/j.paid.2010.07.007
- Brown, C. & Thornton, M.T. (2011). *Entrepreneurship theory and the creation of economics: Insights from Cantillon's Essai*. [Em linha]. Disponível em: <http://researchbank.swinburne.edu.au/vital/access/manager/Repository/swin:20680>. [Consultado em: 26/05/2012].
- Bruyat, C. & Julien, P. A. (2000). Defining the field of research in entrepreneurship. *Journal of Business Venture*, 16, 165-180.
- Burton, G. (2008). Chapters in the life of an entrepreneur: a case study. *Journal of Education for Business*, 83(5), 302-308.
- Cardoso, E. Disponível em: www.porto.ucp.pt. [Consultado em: 21/04/2012].
- Carvalho, P.M. (2004). Competências para o entrepreneurship: um modelo explicativo. Dissertação de doutoramento publicada, Faculdade de Economía y Empresa da Univerisdade de Salamanca.

- Chen, Y. (2010). Study on modes of cultivation of innovative entrepreneurship talents. *Asian Social Science*, 6(12), 57-61.
- Cohoon, J.M., Wadhwa, V. & Mitchell, L. (2010). *The Anatomy of an Entrepreneur*. California: Ewing Marion Kauffman Foundation.
- Comissão Europeia. (2003). *Livro Verde Espírito Empresarial na Europa*, Bruxelas, Comissão das Comunidades Europeias. [Em linha]. Disponível em:http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2003/com2003_0027pt01.pdf . [Consultado em 20/03/2012].
- Cronbach, L.J. (1976). *Essentials of psychological testing*. Harper & Row. Nova Iorque
- Dantas, E. (2008). *Empreendedorismo e Intra-Empreendedorismo: é preciso aprender a voar com os pés no chão*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/dantas-edmundo-empreendedorismo.pdf>. [Consultado em: 16/03/2012]
- Davidsson, P. (1989). Entrepreneurship – and after? A study of growth willingness in small firms. *Journal of Business Venturing*, 4, 211-226.
- Davidsson, P. (1991). Continued entrepreneurship: ability, need, and opportunity as determinants of small firm growth. *Journal of Business Venturing*, 6(6), 405–429.
- Dees, J.G. (2001). *The Meaning of Social Entrepreneurship*. [Em linha] Disponível em: http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf. [Consultado em: 19/12/2012].
- Drucker, P.F. (1985). *Innovation and Entrepreneurship*. Nova Iorque: Harper and Row

- Farzaneh, G., Hassan, A., Gholamreza, P., Mirsalaldin, E., Parviz, A & Alireza, H. (2010). Relationship between creativity, grade point average, achievement motivation, age and entrepreneurship among University students. *Australian Journal of Basic and Applied Sciences*, 4(10): 5372-5378.
- Fayolle, A., & Gailly. B. (2008). Teaching models and learning processes in entrepreneurship education. *Journal of European Industrial Training*, 32(7), 569-593.
- Fischer, E., Reuber, R., & Dyke, L. (2003). A Theoretical Overview And Extension Of Research On Sex, Gender And Entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 8(2), 151-168.
- Gaspar, F.C. & Pinho, L.F. (2008). A importância do empreendedorismo e a situação em Portugal.
- Guião de Educação para o empreendedorismo. [Em linha]. Disponível em: http://www.empreender.aip.pt/irj/go/km/docs/sitemanager/www_empreender_aip_pt/conteudos/pt/centrodocumentacao/Centro%20de%20Documenta%C3%A7%C3%A3o/Gui%C3%A3o%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20Empreendedorismo_ME.pdf. [Consultado em: 16/10/2011].
- Global Entrepreneurship Monitor [Em linha]. Disponível em <http://www.gemconsortium.org/>. [Consultado em: 20/01/2012].
- Edelman, L.F. & Brush, C.G. (2008). Entrepreneurship education: correspondence between practices of nascent entrepreneurs and textbook prescriptions for success. *Academy of Management Learning & Education*, 7(1), 56-70.

- Filho, U & Cardoso, O. (2003). A abordagem cognitiva na formação da competência empreendedora: o caso da Odebrecht. *Administração em Diálogo*, 5, 65-76.
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração de Empresas*. 34(2), 5-28.
- Hisrich, R., Fox, J., & Grant, S. (2007). Entrepreneurship Research and Practice: A call to action for Psychology. *American Psychological Association*, 62, 575-589.
- Hytti, U., Stenholm, P., Heinonen, J. & Leino, J. (2010). Perceived learning outcomes in entrepreneurship education: the impact of student motivation and team behaviour. *Education + Training*. 52(8/9), 587-606. doi: 10.1108/00400911011088935
- Isaacs, A. (2003). An investigation of attributes of school principals in relation to resilience and leadership practices. Dissertação de Doutorado em Educational Leadership and Policy Studies publicada, Florida State University
- Junior Achievement Young Enterprise annual report (2006). [Em linha]. Disponível em: <http://old.ja-ye.org/Download/AR%202006.pdf>. [Consultado em 19/01/2012]
- Junior, G.S. & Souza, E. (2005). Atitude Empreendedora em proprietários-gerentes de pequenas empresas. Construção de um instrumento de medida. *REAd*, 11(6), 1-20.
- Keyes, R. (1985). *Chancing It: Why We Take Risks*. Boston: Little, Brown and Company.

- Knight, K.E., Wind, Y. (1968). Innovation in marketing: an organizational behaviour perspective. *California Management Review*, 11(1), 67-71.
- Knopik, M. & Moerer, T. (2010). Women leaders and entrepreneurs: implications for the classroom. *European Journal of Social Sciences*, 14(3), 394-403.
- Kourilsky, M. (1980). Predictors of entrepreneurship in a simulated economy. *The Journal of Creative Behavior* 14(3), 175-198. doi: 10.1002/j.2162-6057.1980.tb00242
- Kuratko, D. (2005). The emergence of entrepreneurship education: development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(5). 577-578. doi: 10.1111/j.1540-6520.2005.00099.x
- Lambing, R. & Kuehl, C.(2000). *Entrepreneurship*. Boston: McGrawHill.
- La Rey, P., Barbuto, J.R. & Barbuto, L. (2006). Testing antecedents to sales performance in postapartheid era: a field study. *Psychological Reports*, 99(2), 603-618.
- Leitão, F. A. & Cruz, N. M. (2006). Los rasgos psicológicos del emprendedor y la continuidad del proyecto empresarial: un estudio empírico de los emprendedores brasileños. *Revista Eletrónica de Administração*, 12(2), 35-52.
- Leite, E. (2004). A disseminação da cultura empreendedora através do programa de extensão universitária em empreendedorismo e inovação. [Em linha] .Disponível em: <http://www.ufmg.br/congnext/Tecno/Tecno3.pdf>. [Consultado em: 20/04/2012].

- Lena, L. & Wong, P.K. (2004). *Attitude towards entrepreneurship education and new venture creation*. [Em linha]. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=856184. [Consultado em: 5/03/2012].
- Light, P. (2006). Reshaping social entrepreneurship. *Stanford Social Entrepreneurship*, 46-51.
- Lopes, G.S. & Souza, E.C. (2005). Atitude Empreendedora em proprietários-gerentes de pequenas empresas. Construção de um instrumento de medida. *Revista Eletrônica de Administração*, 48(11), 1-21.
- Luca, M., Cazan, A. & Tomulescu, D. (2012). To be or not to be an entrepreneur. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 37, 173-177. doi:10.1016/j.sbspro.2012.01.106
- Marcén, M.R., Aranaz, M.D. & Velásquez, J. (1999). La iniciativa now en aragón: autoempleo y nuevas tecnologías de la información. *Economía y Dirección de Empresas*, 28, 108-122.
- Martínez, D., Mora, J.G. & Vila, L. (2007). Entrepreneurs, the self-employed and employees amongst young european higher education graduates. *European Journal of Education*, 42(1), 99-117.
- Martinho, V.J.(2010). Entrepreneurship: What's Happening? *Millenium*, 39, 163-176.
- McClelland, D. (1965). N Achievement and entrepreneurship: a longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 12(1), 389-392.
- Mello, S., Leão, A. & Júnior, F. (2006). Competências empreendedoras de dirigentes de empresas brasileiras de Médio e Grande Porte que atuam em Serviços da Nova Economia. *RAC*, 10(4), 48-69.

- Moreira, H. (2009). *Mobilidade e empreendedorismo no ensino superior: o caso das Ciências Sociais*. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Cultura e dos Estilos de Vida publicada, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Moreira, J. & Silva M.J. (2008). Empreendedorismo tecnológico: métodos e técnicas de ensino. *Management Review*, 627-637.
- Naia, A. (2009). *Importância da formação inicial no empreendedorismo : estudo do percurso empreendedor de licenciados da FMH*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Nassif, V., Ghobril, A. & Silva, N. (2010). Understanding the Entrepreneurial Process: a Dynamic Approach. *Brazilian Administration Review*, 7(2), 213-226.
- Next Generation (2010). *Junior Achievement Young Enterprise*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.studentcenter.ro/userfiles/file/JA-YE%20Enterprise%202010%20-%20the%20next%20generation.pdf>. [Consultado em: 17/11/2011]
- Oosterbeek, H., Praag, M. & IJsselstein, A. (2008). *The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship competencies and intentions*. [Em linha]. Disponível em: http://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jparticle_00098778. [Consultado em: 20/11/2011].
- Paço, A. & Palinhas, M.J. (2011). Teaching entrepreneurship to children: a case study, *Journal of Vocational Education & Training*, 63(4), 593-608. doi: 10.1080/13636820.2011.609317

- Palma, P. J., Cunha, M.P. & Lopes, M.P. (2007). Comportamento organizacional positivo e empreendedorismo: uma influência mutuamente vantajosa. *Revista do Comportamento Organizacional e Gestão*, 13(1), 93-114.
- Pihie, Z. (2007). An analysis of academic experience to develop entrepreneurial attributes and motivation among risk students. *The International Journal of Learning*, 14(6), 207-216.
- Pines, A., Lerner M. & Schwartz, D. (2010). Gender differences in entrepreneurship. Equality, diversity and inclusion in times of global crisis. Equality, Diversity and Inclusion. *An International Journal*, 29(2), 186-198. doi: 10.1108/02610151011024493
- Possas, M. (1997). *A teoria do desenvolvimento económico*. São Paulo: Editora Nova Cultural
- Rasheed, H.S. (2000). Developing Entrepreneurial Characteristics in Youth: The Effects of Education and Enterprise Experience. *International Journal of Entrepreneurship Education*, 4, 261-277. doi: 10.1016/S1074-7877(03)04012-1
- Raposo, M., Paço, A. & Ferreira, J. (2008). Entrepreneur's profile: a taxonomy of attributes and motivations of university students. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(2), 405-418
- Raposo, M. & Silva, M. J. (2000). Entrepreneurship: uma nova área do pensamento crítico. *Revista de Gestão e Economia*: 0, 57-64.
- Rauch, A & Frese, M. (2007). *The Psychology of Entrepreneurship*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers.
- Redford, D. (2006). Entrepreneurship education in portugal: 2004/2005 national survey. *Comportamento Organizacional*, 12(1), 19-41.

- Robinson, P. B., Huefner, J., & Hunt, H. K. (1991). Entrepreneurship research on student subjects does not generalize to real world entrepreneurs. *Journal of Small Business Management*, 29(2), 42 - 50.
- Rosário, A. (2007). *Propensão ao empreendedorismo dos alunos finalistas da Universidade do Porto*. Dissertação de mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico publicada, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- Roncon, P.F. & Munhoz, S. (2009). Estudantes de enfermagem têm perfil empreendedor? *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(5), 695-700.
- Sánchez, J. (2011). Entrepreneurship: introduction. *Psicothema*, 23(3), 424-426.
- Sanchez, J. C., Carballo, T., & Gutiérrez, A. (2011). The entrepreneur from a cognitive approach. *Psicothema*, 23(3), 433-438.
- Santos, S., Caetano, A. & Curral, L. (2010). Atitudes dos estudantes universitários face ao empreendedorismo. Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9 (4), 2-14.
- Santos, S., Dantas, A., Santos, P. & Silva, M. (2008). Propensão empreendedora em alunos de administração da UFAL: uma análise comparativa com estudantes das modalidades presencial e à distância. [Em linha]. Disponível em: http://www.icesi.edu.co/biblioteca_digital/handle/10906/1914. [Consultado em: 23/02/2012].
- Schmidt, S. & Bohnenberger, M.C. (2008). A efetividade das ações para promover o empreendedorismo: o caso da Feevale. *Revista Eletrônica de Administração*, 14(1), 1 - 26.
- Schmidt, C. & Dreher, M. (2008). Cultura empreendedora: empreendedorismo coletivo e perfil empreendedor. *Revista de Gestão*, 15(1), 1-14.

- Sexton, D. (2001). Wayne Huizenga: entrepreneur and wealth creator. *The Academy of Management Executive*, 15(1), 40-48.
- Shariff, M. & Saud, M. (2009). An attitude approach to the prediction of entrepreneurship on students at institution of higher learning in Malaysia. *International Journal of Business and Management*, 4(4), 129-135.
- Shein, M.L., Crous, F. & Schepers, J.M. (2010). Positive states in relation to entrepreneurship orientation. *SA Journal of Industrial Psychology*, 36(2), 39-49. doi: 10.4102/sajip.v36i2.931
- Shout, H. & Harkema, S. (2008). Incorporating student-centered learning in innovation and entrepreneurship education. *European Journal of Education*, 43(4), 513-526.
- Silva, A., Henriques, E., & Carvalho, A. (2009). Creativity enhancement in a product development course through entrepreneurship learning and intellectual property awareness. *European Journal of Engineering Education*, 34(1), 63-75.
- Souitaris, V., Zerbinati S. & Al-Laham, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22, 566–591. doi: 10.1016/j.jbusvent.2006.05.002
- Shumpeter, J. (1934). *Capitalism, socialism and democracy*. New York: Harper and Row.
- Tan, S. & Ng, C. (2006). A problem-based learning approach to entrepreneurship education. *Education + Training*, 48 (6), 416 - 428.

- Teixeira, A. (2008). Entrepreneurial potential in engineering and business courses - why worry now?. *Journal of Engineering Education* , 256, 1-22. doi: 10.1007/978-0-387-09492-2_35
- Tunstall, R. & Lynch, M. (2010). The role of simulation case studies in enterprise education. *Education + Training*, 52(8/9), 624-642.
- Tyszka, T., Cieslik, J., Domurat, A. & Macko, A. (2011). Motivation, self-efficacy, and risk attitudes among entrepreneurs during transition to a market economy. *Journal of Socio-Economics*, 40(2), 124-131.
- Zen, A.C. & Fracasso, E.M. (2008). Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(8), 678-697.